

DOCUMENTÁRIO DE CRIMINALIDADE

BARRETO CAMPELO

P R E F Á C I O

Ser professor não é apenas transmitir à classe a matéria dos programas de ensino. Isso fazem-no as bibliotecas e, sobretudo, os cursos em disco, melhor que as preleções. Transmitir-se a si próprio, com idéias e convicções, provocar a paixão do estudo e dirigir os estudantes aos altos e supremos destinos do homem, eis em que consiste a nobre e insubstituível função do magistério.

Por outro lado, nós, os brasileiros, devemos valorizar a nossa cultura, estendê-la e aprofundá-la, versando, de preferência, os nossos assuntos. Nesse sentido devem orientar-se os cursos superiores, reatando uma velha tradição a que o Brasil deve a sua existência de nação independente e soberana. Os povos, que não amam nem tratam os seus problemas típicos e vivem de parasitar a cultura alheia, são colônias intelectuais de outras nações, espécie de colonização mais perigosa do que qualquer outra.

Interessar as classes no estudo do Direito Penal com essas diretrizes sempre foi o meu propósito, principalmente porque essa disciplina jurídica tem conexões com todos os problemas humanos e sociais.

Felizmente, o segundo ano da Faculdade de Direito do Recife em 1941 aceitou o plano que lhe propôs de confeccionarmos um documentário da criminalidade nordestina nos seus aspectos mais característicos: gíria, tatuagem, medidas antropométricas e sociologia criminal, com o intuito de organizarmos um Museu de Criminologia.

Traçado o plano dos trabalhos, levada a turma muitas vezes ao Presídio Especial e à Penitenciária Agrícola de Itamaracá, ensinados os processos, ví, deslumbrado, logo na primeira quinzena de estudos, que já não era eu quem estimulava, pois a iniciativa se deslocara para os estudantes.

Este ensaio, síntese, consequência e resultado desse fecundo labor, é, portanto, mais deles do que meu. A mim, só me coube traçar o plano, presidir e orientar as pesquisas e redigir os comentários; mas, todo o material de experiência, o que mais vale, foi pelos estudantes coletado com louvável estímulo e desusada perseverança. Meses a fio empenharam-se eles em fatigantes e penosos trabalhos.

Cooperaram nas pesquisas, moldando bustos de criminosos, Newton Mulatinho e Hersílio de Medeiros Correia, estudantes da Escola de Belas Artes; Maria de Jesus Barreto Campelo, da Faculdade de Filosofia do Recife, e José de Queiroz Campos, terceiranista de Direito.

O Museu de Criminologia está feito, catorze bustos de criminosos representativos, reprodução absolutamente exata do natural, a gesso, por engenhoso processo, lá estão. Todo um gabinete de identificação, sistema Vucetich, armários, banquetas, rôlos, pranchetas, desenhos papilares em grande porte, fichas impressas e individuais datiloscópicas, centenas de tatuagens pacientemente copiadas e, depois, aumentadas; material dos testes de Russolimo para levantamento de perfil psicológico; retratos de criminosos célebres; armas, utensílios de catimbó; tudo isso faz parte das nossas coleções.

Muitos estudantes, entre os quais destaco, pela sua dedicação e perseverança acima de todo louvor, Geraldo Correia da Silva, Chefe do Museu, tornaram-se, durante êsses estudos, peritos em datiloscopia, tatuagem, antropometria, perfil psicológico, etc. etc.

O dicionário da gíria criminal, que inclúe cêrca de mil vocábulos e expressões, é, segundo penso, um resultado apreciável dêsses trabalhos. Autoridades policiais, juizes, promotores e advogados muito lucrarão com êle, pois, frequentemente, acusados e testemunhas se expressam numa extranha linguagem, que exige intérprete, a menos que a investigação criminal queira dar como apurado o que nunca lhe foi referido.

Quantos se interessarem pelo estudo dêsse linguajar característico, em que há um filão a explorar, encontrarão aí, comodamente, abundante material para ulteriores pesquisas, críticas e desenvolvimentos glotológicos. Desculpo-me, neste ponto, de prováveis deslises em que tenha incorrido, ao tratar das características glotológicas da gíria, alegando que isso é matéria extranha aos meus estudos habituais. Absolva-me a contingência em que me ví de fazer tudo, pois nada encontrei preparado. De bom grado, aceitarei correções, pois o meu intúito é apenas chamar a atenção dos especialistas para um assunto até hoje desprezado, porém digno de estudos sérios.

Quasi todos os alunos do segundo ano de 1941 têm parte neste trabalho; mas, além dos que já mencionei, devo salientar os seguintes: Carlos Arnaldo Selva, Afrânio de Barros, Altamira Dourado, Maria Guiomar de Sá Leitão, Aristides Valença, Virgínio Novais e Eliazar Patricio da Silva.

Cumpr-me ainda agradecer o inestimável auxílio que nos prestaram as autoridades estaduais, notadamente, os drs. Etelvino Lins, Arnobio Tenorio e Apolônio Sales, respectivamente, Secretários de Estado da Segurança, do Interior e da Agricultura; dr. Persivo Cunha, diretor do Ga-

binete de Identificação, dr. Francisco Sabino, então diretor da Penitenciária Agrícola de Itamaracá, Capitão Prisciliano de Moraes, diretor do Presídio Especial, sr. Oscar Pinagé, inteligente investigador da Palícia, a quem devemos a cópia do Código Internacional dos ladrões. É evidente que, sem a constante bôa vontade das autoridades, seria impraticável o exaustivo inquérito em que a minha classe se empenhou.

Enfim, para que nosso esforço tenha alguma repercussão, resolví publicar o presente estudo que, se não tiver outro mérito, representa, ao menos, o trabalho conjunto de um professor e sua classe, ou seja o de um estudante graduado a estimular e orientar, sabe Deus com quantas canseiras, os que se iniciam nos árduos e complexos estudos da Criminologia.

O plano de trabalhos do Museu continua a ser executado pelos segundanistas de 1943.

Estamos agora principalmente ocupados em coletar abundante material com que fixemos o ângulo facial dos mulatos de retorno a branco e a negro, de que os tratados de antropologia não cogitam. As medidas terão de ser tomadas no vivo e são muitas e graves as dificuldades de toda ordem que temos a vencer, sobretudo, a falta de instrumental adequado.

A mestiçagem brasileira está, na verdade, a exigir que os nossos estudiosos lhe deem atenção. As medidas de raças puras, únicas fixadas, só excepcionalmente nos servem. A massa das nossas investigações policiais gira em torno dos mestiços; pelo que, sem padrões fixos, a Criminalística perde, entre nós, um índice de grande rendimento. Por outro lado, o homem brasileiro continua sendo "êsse desconhecido" . . .

Enfim, se o nosso trabalho não valer pelos seus resultados, a paixão do estudo, que êle transmitiu a tantos jovens, compensa-me sobejamente. Felizmente, já tenho motivos para concluir que os meus alunos não se limitarão a repetir

servilmente o que está dito nem farão somente o que já está feito. Contribuirão, com pouco ou com muito, mas contribuirão com alguma coisa para o progresso dos estudos genuinamente brasileiros.

CAPÍTULO I

A GÍRIA

Da gíria em geral, especialmente da gíria falada entre a gente de má vida do Nordeste brasileiro. Leis gerais que presidem a sua formação.

Nicéforo, **II Gergo**, divide as gírias em duas categorias: gírias de primeira e de segunda ordem. Aquelas, ou se formam mediante a agregação de fonemas chaves aos fonemas normais ou pela inversão de letras e sílabas dos vocábulos da língua corrente. As gírias de segunda ordem formam-se por onomatopéia ou metáfora. A mesma classificação adotam Lombroso e quantos em geral tratam do assunto.

Aquí em Pernambuco foram outrora muito praticadas as chamadas línguas do **B**, do **P** e do **G**, simples ou dobradas. Consistiam em se pospor uma daquelas consoantes a cada sílaba do português, seguido o enxerto da vogal ou ditongo que compunha a sílaba normal. Assim, na língua simples do **B**, a palavra **gíria** vem a ser **gibiribiabá**, na do-

brada, **gibibiribibiabábá**; e, na do **G**, **giguiriguiagá** e **giguiguiriguiagagá**. **Mutatis mutandis** nas outras.

Admito, aliás, que essas espécies de gíria fossem correntes em todo o país, pois o sr. Jorací Camargo, que só recentemente visitou o Norte, delas tirou bons efeitos na cena dos selvagens, em **MARABÁ**.

Também aqui se fala outra gíria semelhante de 1.^a ordem, na qual se ajuntam a cada sílaba do vernáculo os sons chaves: **ans**, **enter**, **ifix**, (pronuncia-se ifiquici) **omber** e **ufux** (**ufúquici**). A agregação se faz conforme a semelhança do fonema da sílaba normal com uma daquelas partículas. Assim, a frase "a gíria é uma língua espúria", diz-se: **Ans** gifixrifixans enter ufuxmans linfixgufuxans esenterpufuxrifixans. Esta gíria, que é atrapalhada, sôa como língua germânica, se falada correntemente.

Nicéforo, no livro já citado, inclúe alguns modelos de gírias francesas da primeira categoria semelhantes às nossas e outras que se obtêm com a transposição de letras da mesma sílaba ou inversão de sílabas. Assim, **L'argot** passa a ser, no primeiro caso, **Raltog** e, no segundo, **Gotlar**.

As gírias de segunda ordem seguem, como é natural, o primitivo processo de formação de todas as línguas; mas a invenção inflúe, na formação dessa linguagem pitoresca e escabrosa, quanto à gíria nordestina, mais do que em qualquer outra. Isso, aliás, é um índice do nosso acentuado poder verbal, vocação muito apreciável, mas que é de moda deprimir-se e ridicularizar-se.

Na verdade, todas as gírias até hoje estudadas pouco ou nada devem à pura invenção de palavras. Tudo nelas é figura ou onomatopéia, como bem acentuaram Lombroso, Nicéforo e outros. De modo que o gênio verbal dos brasileiros continua a manifestar-se hoje tanto quanto nas nascentes do país. Já os jesuitas informavam nas suas cartas que os índios ouviam os línguas, que eram os seus oradores, noites e dias seguidos, sem comer nem dormir. Não obstante, os impenitentes descaracterizadores da nacionalidade pre-

tendem reduzir-nos à condição de povo mudo, espécie de gente que só existe na Arábia, onde chefes desalmados arrancam a língua a tribus inteiras, o que não impede que os descendentes dos mutilados teimem em falar. . .

Ao contrário do que geralmente acontece com as línguas e dialetos, nos quais predominam transformações de estrutura, mudança de significado dos vocábulos da língua matriz e derivação vernácula, a invenção e a analogia são as fontes dominantes da nossa gíria.

Também o vagar, que caracteriza a diferenciação progressiva das línguas e dialetos, não é o movimento próprio da nossa gíria, em que a criação de vocábulos e expressões se faz de chofre. Cada dia, à feição dos acontecimentos e necessidades, espoucam as frases e os termos, vulgarizados com extranha celeridade.

Disso resulta que a gíria se transforma de lugar a lugar, de momento a momento. Sem gramáticos, que desçam da sua arte heráldica a estudar essa fala espúria, nem padrões consagrados, pois não tem escritores, a gíria, fruto da improvisação, assente na base movediça da oralidade e tendo por único título de legitimidade a consagração do uso, segue o seu curso trêfego e instável, renovando-se livremente ao acaso do gôsto popular.

Isso já acontecera com o baixo latim que, não obstante, era tanto ou quanto disciplinado pelas regras da língua mãe; mas a gíria, que é de geração espontânea, não tem disciplina alguma, direta ou indireta. Eis porque não conhece arcaísmos nem formas eruditas. O que entrou em desuso é alijado sem demora, assim como ao termo ou expressão aceitos pelo uso não se exige linhagem nem conformidade.

Que motivos de meditação oferece essa baixa linguagem a certos gramáticos empedernidos que pretendem formar as línguas, ao passo que, na verdade, só existem em função delas! Esses tais assemelham-se a botânicos e zootécnicos que sistematicamente condenassem todas as mutações surgidas no seio da natureza, para que só prevaleces-

sem as que obtivessem nos seus campos de experimentação !

Ora, a gramática (diga-se de passagem) só pode ser uma estilização da língua que o povo fala pela conservação e cultura das suas melhores e mais perfeitas formas naturais de expressão; pelo que os gramáticos estão para as línguas como os naturalistas para a fauna e a flora, isto é, subordinados a elas. E porque as línguas são evolutivas e estão em contínua transformação, os que se apegam a velhos padrões consagrados falam e escrevem em língua morta, enquanto a vida, desdenhando dêsses fósseis ou colecionando-os em museus de antiguidades, segue o seu curso impetuoso e inevitável.

Eis porque, sentindo a falta dos bons gramáticos no que êles lhe pudessem ser úteis, mas livre de certos caturras no muito que a atrapalhariam, a licença mais desenfreada domina a gíria.

Não obstante os inconvenientes, que são óbvios, a verdade é que essa linguagem espúria, mas rica e expressiva, já saiu dos seus subterrâneos e invade aos poucos a conversa da gente limpa. Começa também a pôr as mangas de fórra com insinuar-se na literatura, sem receio do apedrejamento a que se vê condenada. Nada de extranho há nisso. Foi sempre assim. A marcha das línguas, é lição da história, seguiu aquí e alhures, de baixo para cima.

A analogia procede, por várias formas, na confecção da gíria nordestina.

A onomatopéia é, de fato, uma das suas fortes. Assim, por exemplo, **reco-reco**, instrumento de música usado no carnaval, deve a sua denominação ao som rouquenho que produz, muito semelhante ao que o seu nome arremeda; **xique-xique**, também chamado **caracaxá**, outro instrumento de uso frequente nos **côcos** e **sambas** do nordeste, composto de um cilindro de metal cheio de pedrinhas, vem do ruído que estas fazem quando agitadas contra o metal que as encerra. **Gogó**, pomo de Adão, reporta-se aos sons guturais que emite.

Não só, porém, da onomatopéia e da metáfora se serve a nossa gíria, como acontecia entre os Pitagóricos, que apesar de filósofos, constituíam verdadeira seita e tinham a sua gíria, toda composta de metáforas, em formas de mandamentos ou conselhos :

Não ultrapasses a balança : observa escrupulosamente a justiça .

Não desfolhes a corôa : cumpre as leis .

Não devores o teu coração : evita as dores morais .

Não recebas andorinhas em tua casa : evita a convivência de pessoas levianas .

A onomatopéia é um simples caso de imitação verbal de sons e ruídos, e muitas outras fórmulas de mimetismo oral existem. Assim, a côr, a forma, a atitude, a sensação e, em geral, todas as qualidades intrínsecas ou efeitos caricaturais dos seres ou das situações humanas e sociais são transformadas em expressões semelhantes. **Amarelo de Goiana** é o impaludado; **cabo de vassoura** e **cipó de virar tripa**, moça magra, assim como **barril de chope**, um tipo qualquer de Sancho Pança. **Azular** é fugir : "a serra azula no horizonte", disse José de Alencar, em IRACEMA, de modo que o termo retrata a silhueta distante do fugitivo. **Da que incha**, aguardente forte, alude ao edema generalizado dos alcoólatras. E assim por diante.

Lombroso, escravo dos princípios centrais sôbre os quais fundára a sua teoria, quis ver no processo de formação onomatopáico, que, ao seu ver, domina a gíria dos criminosos, uma manifestação atávica, regressão ao nível mental dos selvagens, que fazem da onomatopéia a fonte quasi exclusiva da sua linguagem primitiva.

Não podemos contestá-lo em relação à gíria dos bandidos italianos, porque êle anuncia, como sempre, as suas conclusões de modo vago e geral, sem o indispensável volume de comprovantes. Todavia, a gíria do Nordeste brasileiro contraria a fundo a conclusão do sábio italiano. Aquí, a onomatopéia é realmente fonte de linguagem, mas na

mesma proporção em que concorre para formar qualquer outra língua. A invenção, esta sim, constitue o lastro inexgotável em que a nossa gíria se apoia. Consulte-se o dicionário e ver-se-á que a analogia em todas as suas formas, uma das quais é a onomatopéia, pouco representa no volume geral dos vocábulos e expressões, a maioria dos quais resulta de pura criação mental.

A gíria nordestina é, portanto, uma linguagem simbólica, de formação inventiva, às vezes analógica, marchando paralela à língua comum, cuja índole fonética e sintática mantem em linhas gerais, com evidentes acomodações.

Assim, por exemplo, nos verbos pronominais, o pronome é sempre anteposto: **se desmilinguir** e não **desmilinguir-se**. É a construção brasileira que aqui se manifesta em plena liberdade, livre das peias, que lhe querem impôr os gramáticos de gabinete. Os que, aliás, fulminam esta forma brasileira de colocação dos pronomes, ao pedirem os clássicos ao seu ajudante, na biblioteca, para comporem os seus anátemas, também dizem: — **Me dê êsse livro**. É o inevitável que, afinal, se manifesta.

Fenômeno curioso é essa reprodução substancial dos moldes vernáculos na gíria dos nossos malandros, aliás constante no **argot** dos franceses, como no linguajar de todos os criminosos italianos, espanhóis, norte e sul-americanos. Linguagem de formação arbitrária, bem podia elà repudiar o gênio da língua, a cujo lado se forma, para adotar outro qualquer. Entretanto, é uma curiosa constante glotológica êsse parentesco entre o gênio da língua corrente e o da sua respectiva gíria.

Dêsse molde só desgarrá o código dos ladrões internacionais que damos em apenso, isso mesmo porque êle resultou de uma reunião de homens de várias nacionalidades, cujos padrões linguísticos, por isso mesmo, se fundiram, por confusão, num tipo extranho, espécie de esperanto-malandro, que não é propriamente o de nenhum de seus fatores, mas aproxima-se, quanto possível, de cada um dêles,

ou seja um padrão glotológico, médio e equidistante de suas matrizes.

Outro exemplo discordante é a gíria dos bandidos alemães e dos ciganos, a que se refere Politz, PSICOLOGIA DEL DELINQUENTE, a qual é um místo de hebraico e alemão. Ela resulta, porém, de que os bandos de mendigos internacionais se formaram, na Europa, de Judeus expulsos de todos os países, aos quais depois se aliaram muitos alemães, tocados pelo flagelo da guerra dos 30 anos.

As exceções confirmam, portanto, a regra.

É que os povos não falam a língua que querem, mas, sim, a que lhes permitem as suas características anatômicas e fisio-psicológicas, em correspondência, já se vê, com outros elementos antropogeográficos que sobre eles influem. Assim, por exemplo, a perda progressiva da consoante final vai se acentuando à medida que os diversos povos, falando a mesma língua, se aproximam do Equador em cuja situação tendem a abrandar os sons guturais e preferem as palavras agudas em vez das breves e estas às exdrúxulas.

Tribuná, pronúncia característica dos sertões pernambucanos, dizia inadvertidamente Souza Filho, um dos nossos melhores oradores.

Lei do menor esforço? Quebranto dos trópicos? Estrutura anatômica dos órgãos vocais? Sei lá! A verdade é que uma lei ignota de antropogeografia regula êsse fenômeno: quanto mais distante do Equador, mais as línguas são guturais, menos vogaladas, a pronúncia é nasal e as palavras exdrúxulas predominam, talvez porque nos países frios, durante o inverno, o homem se defende abrindo a boca o menos possível.

Outro fato, cuja observação se impõe, é a farta nomenclatura que os criminosos e os chamados fronteiriços possuem de todas as regiões do corpo humano e de muitos órgãos. O baço é a **passarinha**; a pele, o **couro**; a boca, a bitácula, etc. Algumas denominações são graciosas e resultam de analogia: a rótula, êles a chamam de **bolachinha**

e o tórax, **caixa do catarro**; o bregma, **alto da sinagóga**; o rosto, a **lata**; o vertex, **cocoruta**; as espáduas, **cruzes** (cruzamento das linhas de altura com a de envergadura) etc., etc. Não há região do corpo humano que não tenha denominação própria entre os malandros do Nordeste.

No dicionário que vai apenso, conseguimos reunir cerca de 1.000 palavras e expressões de uso corrente em todo o Nordeste, entre a gente de má vida. Toda a minha classe trabalhou, meses a fio, nessa coleta. Fizemos alguma coisa; mas parece-me que êsse grande número de palavras é, apenas, uma amostra da gíria dos nossos malandros, pois tenho motivos para admitir que ela se componha de 10.000 palavras e expressões.

Parecerá a alguns que tais investigações venham a ser chinesices, sem resultado prático; mas os que trabalham na Polícia e na Justiça sabem quanto lhes é irreparável a falta de um vocabulário da gíria em que se expressam criminosos e testemunhas. Na maioria dos casos, essa gente não fala a língua corrente, sendo necessário usar de intérprete, se o investigador ou Juiz não tiver conhecimentos do linguajar usado nos subterrâneos do crime.

Aliás, se não tivessem aplicações, êsses estudos seriam, ao menos, curiosidades científicas tão nossas que não sei como haja quem delas se desinteresse.

CAPITULO II

A GÍRIA ENTRE OS CRIMINOSOS DAS PRINCIPAIS NAÇÕES DO MUNDO — TEORIAS QUE A EXPLICAM COMO ÍNDICE DE CRIMINALIDADE OU COMO DISFARCE

Os malfeitores de todos os tempos e lugares usam entre si uma linguagem típica, formada à margem das respectivas línguas e só conhecida dos iniciados e estudiosos. Na Espanha, em plena Idade Média, havia as **germânias**, língua das sociedades de bandidos espanhóis, colecionadas por Juan Hidalgo no século XVII. François Villon, que, de estudante desregrado, poeta e dramaturgo de talento, se fez assassino e ladrão, comparsa de bandos de criminosos, recolheu o **argot** de Paris e de algumas províncias, línguas que êle conhecia pelo seu longo e contínuo trato com os malfeitores, chegando a representar alguns atos nessa linguagem espúria.

O **argot** atual dos criminosos franceses tem sido objeto especial de estudos de Criminalística, com excelentes resultados para os serviços policiais.

Na Inglaterra, a gíria dos ladrões é um baixo latim, oriundo de formações dessa língua, falado outrora entre

as chamadas sociedades inferiores, ao tempo da dominação romana. Chama-se "**cant**", "**slang**" "**thieves' latin**" e passou por oralidade aos ladrões ingleses contemporâneos.

Na Itália, é o **Gergo**, ou **língua furbesca**. Do Italiano, ainda se formou o **italiano vermelho**, língua dos mendigos internacionais. Na Alemanha, o **rothwelch**. Na Índia, os **thugs**, sociedade secreta de temíveis estranguladores, têm a sua linguagem própria, que se transmitiu a todos os bandidos do Oriente, mesclando-se ao árabe, ao persa, e a outros dialetos indostânicos.

Atribue-se, em geral, à gíria muita importância em Criminologia, chegando alguns autores, como, por exemplo, Sallilas, que estudou a fundo a linguagem dos antigos e atuais malfeitores espanhóis, a concluir que essa língua estranha corresponde à forma íntima e profunda das representações mentais e associações de idéias da gente de má vida. Victor Hugo já dissera que muitas palavras do **argot** parecem retorcidas com o ferro do carrasco. Constancio de Quiroz, "**Cursillo de Criminologia**", nota que a gíria dos malfeitores acusa notável ironia e acentuada crueldade. Como índice de sua conclusão, argumenta que as palavras que, em espanhol, francês e italiano, expressam a força ou a guilhotina, **viuda**, **veuve**, **vedova**, são usadas para expressar os esponsais macabros dos bandidos, que são "**noivos da morte**", na representação mental dos seus companheiros de crime. Coincide que no Brasil, onde não havia pena de morte, o carro da polícia, que conduz presos, é a **viuvinha**.

Constancio de Quiroz informa que Nicéforo, no seu livro, **Il Gergo**, considera a gíria um simples expediente a que recorrem os criminosos para se comunicarem entre si, abertamente, sem perigo de serem entendidos pelos não iniciados. Tenho, porém, outra impressão do livro de Nicéforo. Parece-me que também êle ligava a gíria a raízes mais profundas. Assente êsse pressuposto, que, ao meu ver, não é exato, Constancio de Quiroz objeta a essa suposta interpretação que, se a gíria fosse uma simples cautela dos bandi-

dos, êles falariam a língua nativa quando estivessem sós. O argumento não convence. Para corretamente se falar uma língua, é indispensável praticá-la de contínuo, pelo que os malandros precisam de sempre falar a sua gíria afim de dominá-la por completo.

Penso, contudo, apoiado na mordaz ironia, no simbolismo caricatural e na grosseria, às vezes cruel ou obscena da gíria, que a formação dessa linguagem, além do disfarce que, sem dúvida, visa, obedece a sentimentos, associações de idéias e representações mentais peculiares às comorras e associações de bandidos e fronteiriços do crime.

Essa conclusão mais se fortifica quando se sabe que, em tais bandos, há muitas pessoas de psicologia anômala e doentia, neuróticos, histéricos, epiléticos, desequilibrados, estados que, ou eram anteriores à carreira criminal dos seus portadores, ou foram adquiridos e agravados durante a vida errante e perigosa que levam.

Outro motivo que, ao meu ver, desautora o juízo de Constancio de Quiroz sôbre o livro de Nicéforo é a malícia ou obscenidade permanente que êste nota em qualquer espécie de gíria, mesmo nas chamadas gírias profissionais. Em apôio de sua observação, apresenta Nicéforo vários diálogos entre operárias, costureiras e caixeiras, todos obscenos.

Não temos elementos para contestar a observação no que se refere à Itália. Entre nós, porém, a gíria não é, de forma alguma, continuamente maliciosa ou pornográfica. Por motivo de limpeza moral, não incluímos os termos obscenos e expressões equívocas que coletámos; podemos, contudo, afirmar que o seu número é limitado. Muitos dos vocábulos supressos são, aliás, denominações do corpo humano, que, se não fôra o escrúpulo de evitarmos a sua inclusão num estudo que pudesse ser lido por todos, figurariam no Dicionário.

Neste ponto, remetemos o leitor curioso para o Vocabulário Pernambucano de Pereira da Costa, que, sem a me-

nor cerimônia incluiu todos êsses vocábulos pornográficos e expressões maldosas. Por êsse exhaustivo documentário, onde nada falta, se verá que a observação de Nicéforo não se justifica entre nós.

A gíria do Nordeste tem sido objeto de vários ensaios em Pernambuco, Alagôas, Paraíba e Ceará. Pereira da Costa, no Vocabulário Pernambucano, separata do vol. XXXIV da Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, consolidou, com incrível paciência, tudo quanto a respeito já se escreveu, inclusive o que mais nos interessa, a "Gíria dos Gatunos", do sr. Elisio de Carvalho, organizada para a Escola de Polícia e publicada no "Pernambuco" ns. 79 a 84 de 1913 e "Gíria dos ladrões e gatunos" na Lanceta n.º 18 de 1912. O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, organizado por Hildebrando Lima e Gustavo Barroso, edição da Civilização Brasileira S. A., é outro abundante repositório de brasileirismos. Fernando São Paulo trouxe também valiosíssimo contingente ao estudo da gíria com o seu livro.

Recentemente, o sr. Ramos de Freitas publicou "Recife Sangrento", onde figuram vocábulos e expressões da gíria malandra do Nordeste, pois o Recife é o grande centro de atração para o qual converge toda a vida nordestina, sobretudo os seus criminosos. A "Vida Policial" do Rio coletou também alguma coisa nesse sentido. O Linguajar da Malandragem, de Edmylson Perdigão, prefácio de Evaristo de Moraes, coletou muitos vocábulos da gíria corrente entre os criminosos do Rio de Janeiro.

O material adquirido é, porém, quasi nada diante do muito a fazer, sobretudo em relação à Criminalística. Demais, o significado das palavras varia sensivelmente com o tempo e porque a gíria não conhece arcaísmos de grafia ou de significação, grande parte do que Pereira da Costa beneditinamente reuniu, em anos de fatigante labor, ou já desapareceu, ou tem hoje diverso significado.

Somos assim levados a admitir que o nosso dicionário,

além de oferecer abundante material aos especialistas nesses estudos, prestará serviços à investigação criminal, pois a gíria é, na verdade, incompreensível para os que nela não estão iniciados.

Como exemplo, veja-se a narrativa em que certo gatuno relata um furto que praticou :

"Eu estava no beco esperando a granfa. Nisso vem o ota com uma lebre pendurada.

Eu, que estava num berço de pau, dei o gato na lebre e pisei no barro.

Mais adiante, o teilor me guindou e ia me levando p'r'ó bordado, quando, no caminho, encontrei um tal que deu as papas p'r'ó têilor. O têilor bailou e eu caí fora".

Tradução :

Eu estava na esquina, à espera de uma moça da alta sociedade, minha namorada, quando passou um sujeito ingênuo com uma medalha de valor, pendente da corrente do relógio.

Ora, eu, que estava sem dinheiro, furtei-lhe a medalha e fugi.

Adiante, um soldado de polícia me prendeu e ia-me levando para a cadeia quando apareceu um gatuno, meu companheiro, que lhe ofereceu dinheiro em troca da minha liberdade. O policial aceitou a peita e eu fui-me embora".

Por essa amostra se conclúe que a gíria dos nossos malandros é incompreensível sem dicionários que guiem o investigador e o juiz. O trecho citado contesta a observação de Laurent em **Le Criminel**, endossada por Evaristo da Veiga, no sentido de que a gíria dos malandros é de fácil compreensão.

CAPÍTULO III

OUTRAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO SECRETA USADAS PELOS CRIMINOSOS

Além da gíria, os criminosos usam muitos e engenhosos processos de comunicação secreta. Todos êles podem ser reduzidos a quatro espécies que comportam quaisquer variantes: figuras enigmáticas, sinais sonoros, sinais luminosos ou cromáticos e a criptografia ou escrita invisível.

As figuras enigmáticas eram de uso corrente em todo o continente europeu entre os bandos de mendigos internacionais e de ciganos. Politz, "Psicologia del Delincente", tradução espanhola da Colecion Labor, enumera algumas dessas figuras, dando-lhes o respectivo significado:



O dono da casa entrega à policia o mendigo que aqui pedir esmola.



Aquí residem mulheres que se deixam convencer por lábias e dão esmola.



Aquí há um cachorro que morde.



Aquí não se dá esmola



Aqui costumam dar dinheiro.

A mendicância cabocla ainda não atingiu estas culminâncias e sutilezas. Os nossos mendigos recorrem a alguns disfarces que provoquem a compaixão dos transeuntes. Coxeiam, põem óculos escuros ou panos pretos nos olhos, talas nos braços ou amarram fígado de boi nas pernas, de modo a simularem defeitos, moléstias e chagas.

Não vão além disso.

Os sinais sonoros, luminosos e cromáticos devem ser de uso frequente em todo o país, já que o Brasil é o paraíso dos espões. Contudo, não há notícia de qualquer atividade criminosa nesse sentido. Enquanto outros povos sofrem de espionite, nós nem sequer nos apercebemos da vasta rede de espionagem que se espalha por todo o território nacional. (1) O som e o telégrafo semaforico, as luzes e côres constituem excelentes meios pelos quais os espões frequentemente transmitem as suas mensagens; pelo que é de presumir que êsses processos sejam largamente usados no Brasil, sem que, entretanto, nos apercebamos do que se passa.

Os sinais sonoros, nas penitenciárias pensilvânicas e uburnianas, servem de comunicação entre os presidiários, que batem de modo convencional com objetos de metal contra as grades das células, sustentando, por êsse meio a conversação, que estranhos e deshumanos regulamentos, ditos científicos, proíbem.

(1) — Investigações posteriores confirmaram esta previsão.

Nunca tivemos prisões desse tipo, posto que, outrora, as tivéssemos péssimas.

Não houve, portanto, possibilidade para os nossos detentos de organizarem esse sistema de comunicações.

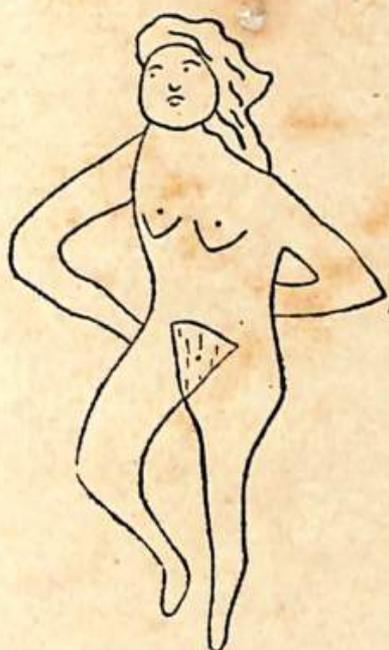
A criminalidade nordestina não conhece, portanto, um código de sinais sonoros ou luminosos nem telégrafo semafórico. Os nossos delinquentes limitam-se a gestos, silvos e olhares expressivos com que transmitem uns aos outros avisos e indicações.

A criptografia ou escrita invisível é inteiramente desconhecida entre nós, porque a população do Nordeste ainda não tem a cultura técnica necessária a essa forma de comunicação secreta, que depende de conhecimentos especializados de química. Os espões devem usá-la.

As próprias alterações e falsificações de documentos, que por aqui aparecem, são, em geral, grosseiras, consistindo em decalques e raspagens. Surgiram, apenas, alguns casos engenhosos de falsificação de cédulas e estampilhas.

A forma predominante da criminalidade é a violenta, cuja proporção atinge 64,4%; a fraudulenta 27,1%, correspondendo a classe a que Garofalo chama criminosos cínicos, a 8,5%.

Nos centros populosos, sobretudo, nas capitais, Recife principalmente, o estelionato vai aos poucos se insinuando. O **conto do vigário**, espécie de burla em que o ofendido é também deshonesto, constitui a forma predileta desse lôgro.



Classificação — 3

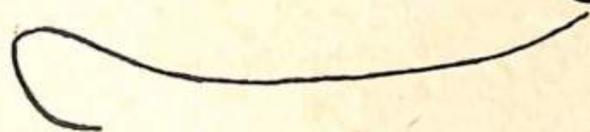
Região — Coxa direita

Portador — Severino de Andrade Araújo

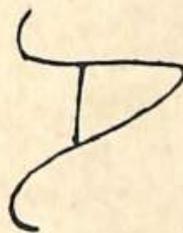
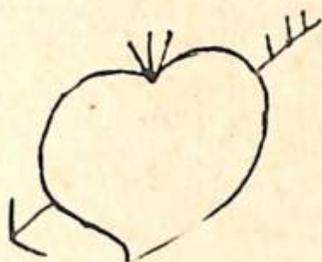
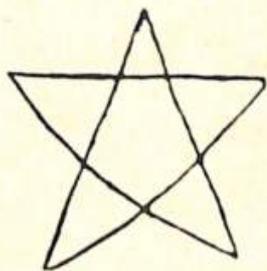
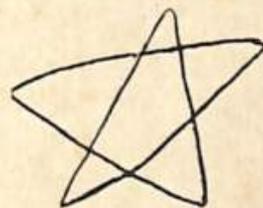
Antonietta

(2)

JOÃO SO



(1)



(3)

(4)

- (1) Classificação — 5 - Braço direito
- (2) Classificação — 3 - Ante-braço esquerdo
- (3) Classificação — 11 - Braço esquerdo
- (4) Classificação — 11 e 6 - Braço direito

Portador Emidio Ferreira da Silva

Linna M.

R.M.S
(2)

JRESADA

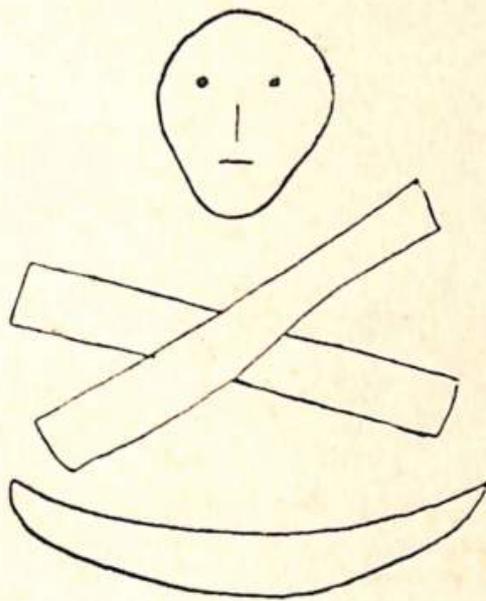
de M 42

(1)

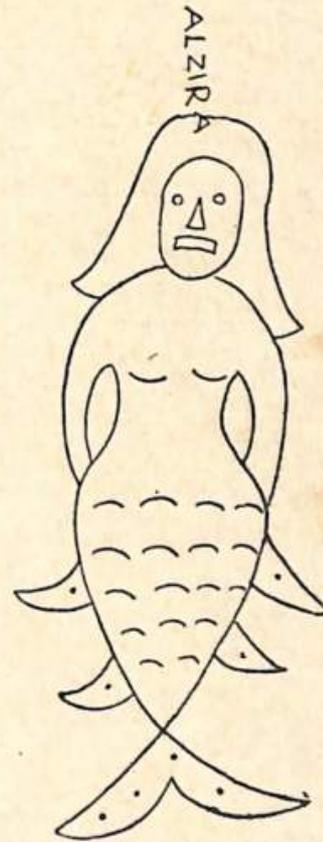
(3)

- (1) Classificação — 3 - Braço esquerdo
- (2) Classificação — 3 - Ante-braço esquerdo
- (3) Classificação — 12 - Ante-braço esquerdo

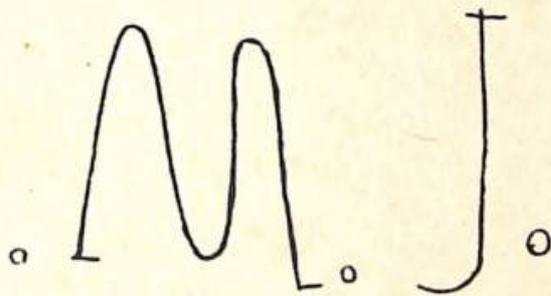
Portador Emidio Ferreira da Silva



(1)



(2)



(3)

(1) Classificação — 5 -

(2) Classificação — 3 e 8 -

(3) Classificação — 3 -

Portador José Batista de Almeida

J. B. A. P. S

(1)

(3)

IRACY

(2)

(1) Classificação — 8 - (iniciais do tatuado)

(2) Classificação — 9 - (nome da irmã)

(3) Classificação — 3 -

Portador José Batista de Almeida

CAPÍTULO IV

A TATUAGEM

História, espécies e processos usuais da tatuagem. A tatuagem como índice de criminalidade. Classificação e interpretação das tatuagens.

Muito generalizado entre os povos primitivos é o costume de adornarem o corpo com pinturas simbólicas ou ornamentais. Assim habitualmente o praticam cafres da África, polinésios da Oceania, peles-vermelhas da América do Norte e índios do Brasil. Teófilo Gautier descobre nesse hábito a primeira manifestação da indumentária.

Adorno predileto dos grupos humanos rudimentares, a pintura da pele, com o tempo, esmaece e apaga-se pela ação do suor, das intempéries e dos banhos. Provavelmente para remover essa desvantagem, recorreram algumas tribus à tatuagem, termo oriundo da palavra polinésia — **ta** (debuchar, esboçar) pintura subcutânea, feita com instrumentos ponteagudos por meio dos quais se grava sob a pele, com punção e tinta indelével, figuras e inscrições.

Outras tribus talhavam ou escarificavam no corpo o que aí queriam marcar.

Parece que a tatuagem já era conhecida desde a mais alta antiguidade, pois, segundo informa Heródoto, na Trácia, os homens bem nascidos se tatuavam com insignias que indicavam sua nobre linhagem. No mesmo intuito, mas em sentido depreciativo, os escravos eram marcados com o sinal dos senhores e os prisioneiros de guerra ferreteados, o que não causa espanto nestes tempos distantes, pois a justiça de França ferrava os seus condenados com a flor de lis, emblema da casa real, ou, na República, com as iniciais T. F. (travaux forcés) e Portugal desorelhava os seus degredados. O historiador chinês Ma-Tien-Liu, que escreveu no século XII, informa que na ilha de Hai-Nan a tatuagem das noivas fazia parte do cerimonial do casamento. Costume semelhante é seguido nas ilhas da Oceania, onde as moças se fazem tatuar logo que se tornam núbeis. A tatuagem, entre os Maoris, é sinal de nobreza; só os escravos não a trazem.

Em certas tribus, ela faz parte de ritos supersticiosos. Isso acontece com muitos nativos das ilhas da Oceania, e fôra corrente nas populações autóctones da Bretanha, antes da conquista dos Normandos.

Atualmente, é comum em muitos povos de nível social atrasado e frequente entre os marujos de todas as nacionalidades.

Em Bornéu, as mulheres são tatuadas desde a cintura até os joelhos e ainda gravam desenhos nas mãos, nos pés e nos tornozelos. Os guerreiros, e só êles, trazem desenhos simbólicos nos hombros. Os Naidas das ilhas Carolotas usam-na como distintivo de família. As mulheres Maoris da Nova Zelandia tatuam os lábios de azul e, enquanto se procede a operação, a mãe, para distrair a filha, cantorola esta cantiga: "Deixa-te tatuar, minha filha, para que não se diga, quando tu entrares numa festa: aquela é uma das que têm lábios vermelhos" (dr. Emile Laurent, Le cri-

minel). Por onde se vê quanto a moda varia no espaço. No Brasil e alhures, quem tem os lábios azulados de anemia carrega no **baton**.

Em Burma, a tatuagem é, por lei, obrigatória, devendo os pais tatuarem os filhos varões, da cintura até os joelhos, antes que completem 10 anos. Diz-se que muitos morrem em consequência da cruel operação. (Tomaz Sweet, Vida Policial, edição de 15 de Agosto de 1925).

Os selvagens australianos e os Maoris marcam o corpo talhando-o a conchas marinhas, de modo que as cicatrizes formem as linhas de macabras figuras.

Os motivos da tatuagem dos marinheiros são facilmente explicáveis. Os lazeres de bordo, a monotonia dos extensos cruzeiros, sobretudo em navios a vela; a saudade que persegue as tripulações e a sua natural atitude contemplativa, provocada pelo panorama oceânico, eis as razões que quasi transformam a tatuagem em marca profissional dos marítimos. Nos portos movimentados da Europa, da América e da Asia, há sempre à disposição dos seus numerosos clientes peritos nessa arte esquisita.

Como é inevitável, a perfeição da tatuagem acompanha a cultura artística dos povos em que se manifesta. Grosseira e incipiente nos selvagens, ascende a formas artísticas de alta perfeição, sobretudo nos japoneses, entre os quais há verdadeiros mestres, tais como Chyo, que tatuou, nos duques de Clarence e de York, verdadeiras obras primas. Os irmãos Riley, nos Estados Unidos da América do Norte, e Mr. Sutherland Mac Donald, na Inglaterra, exercem à larga e habilmente essa arte.

Ora, a cultura artística na massa da população brasileira deixa muito a desejar em pintura. Quem conhece as cidades e vilas do interior sabe como são infantis e estropiadas as raras pinturas e inscrições que por aí aparecem. Ao passo que a nossa música popular é variada e harmoniosa, atingindo formas superiores e típicas na canção e

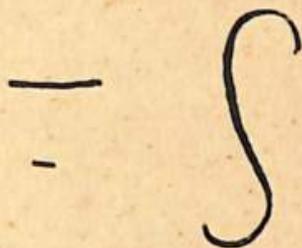
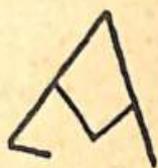
nos massiços orquestrais, a pobreza da nossa gente em matéria de linhas e côres faz lástima.

Em tais condições, o aspéto artístico das tatuagens dos nossos presidiários não oferece interêsse algum. Os desenhos e inscrições são primitivos e grosseiros, frequentemente ridículos. Todas as tatuagens que observámos apresentam uma só côr — o azul escuro; mas, em outros países, elas se fazem a três côres: azul, rosa e preto. Alguns marinheiros gregos e franceses, recolhidos, como desertores, ao Presídio Especial do Recife, apresentam belos espécimes de tatuagens polícromas, feitas no Panamá. Um ou outro dos desenhos observados nos nossos presidiários revelam engenho, espírito inventivo, possibilidades de expressão simbólica, posto que a sua execução seja sempre imperfeita.

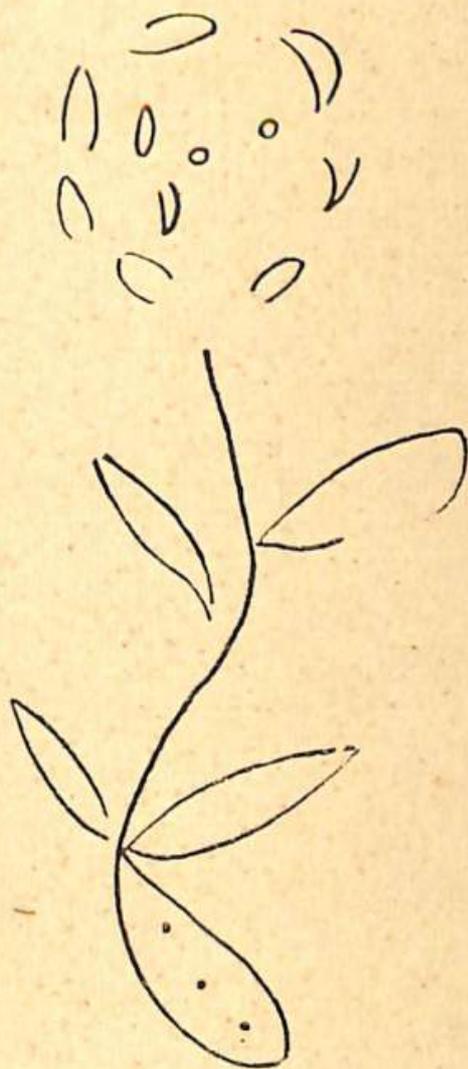
Quanto ao processo usado pelos nossos tatuadores, todas as informações colhidas afirmam que se trata de uma mistura de polvora ou fuligem com suco de limão, inoculada sob a pele por meio de agulhas de coser. Circunstância curiosa é que todos os tatuados afirmam ser absolutamente indolor êsse processo. Apenas um declarou que o braço lhe ficara dormente por alguns dias; outro que a tatuagem inflamara ligeiramente. Ambos, porém, confirmaram nada ter sofrido. Não obstante, quantos tratam do assunto acentuam a crueldade dos processos de tatuagem e a dor extrema que suportam os pacientes. Muitos explicam, como Lombroso, que a crueza do processo afugenta dêles as mulheres, conclusão que as nossas observações contestam, pois no Presídio Especial há mulheres tatuadas em porcentagem equivalente á dos homens e todas elas confirmam que a tatuagem é indolor.

A observação tem interêsse criminológico, pois alguns autores de nomeada consideram a tatuagem índice de insensibilidade física e desvulnerabilidade (estígmata fisiológicos de criminalidade nata, segundo Ferri) e induzem êsse estigma da circunstância de os criminosos voluntariamente

se submeterem a uma operação supostamente dolorosa e sararem facilmente das lesões que ela provocaria. Não sabemos se o processo entre nós usado difere dos que são universalmente conhecidos. Isso, porém, é muito duvidoso, pelo que somos levados a admitir que tal conclusão resulta mais da repugnância pessoal dos observadores diante das tatuagens que da dor e lesões que elas pudessem causar.



(2)



(1)



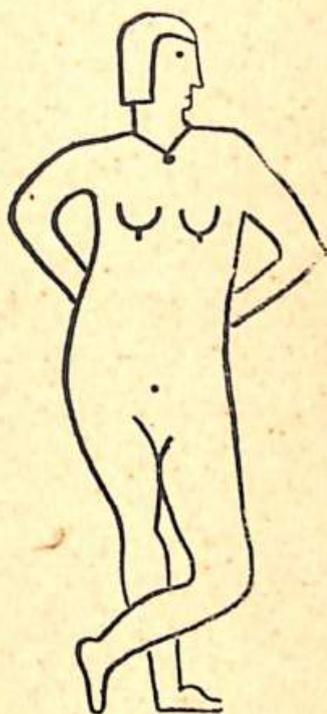
(3)

(1) Classificação — 5 - Hemitorax direito

(2) Classificação — 3 - Hemitorax direito

(3) Classificação — 3 - Côxa direita

Portador Manoel Pereira dos Santos



(1)



(2)

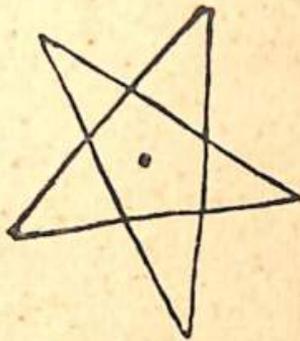
(1) Classificação — 3 - braço direito

(2) Classificação — 3 - Hemitorax esquerdo

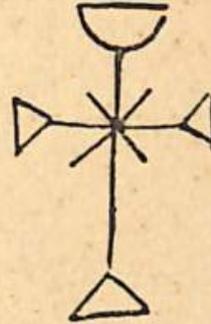
Portador — Manoel Pereira dos Santos

E · M · O

(2)

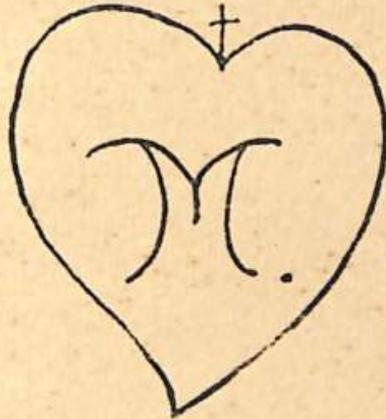


(4)



(3)

A M.S.



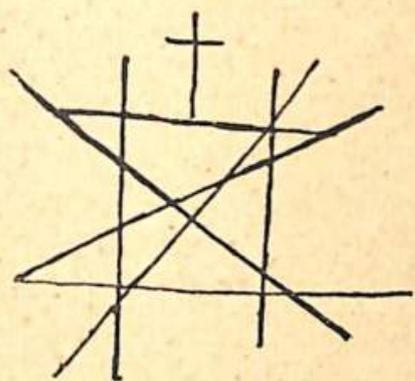
(1)

- (1) Classificação — 6 - Braço esquerdo
(2) Classificação — 3 - Ante braço esquerdo
(3) Classificação — 5 - Ante-braço esquerdo
(4) Classificação — 11 - Ante-braço esquerdo
Portador — Manoel Pereira dos Santos

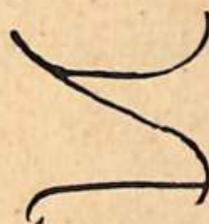
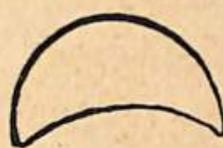
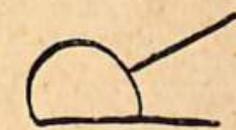


Classificação 3 — braço esquerdo

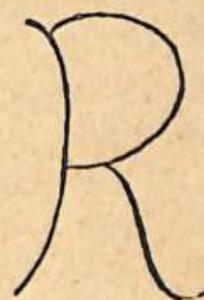
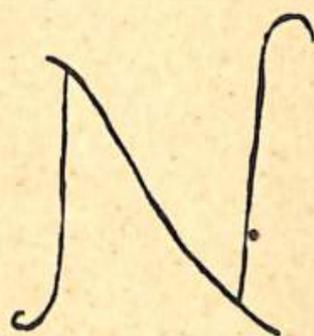
Portador — José João de Vasconcelos



(1)



(3)



(2)

- (1) Classificação — 8 - Ante-braço direito
- (2) Classificação — 12 - Ante-braço direito
- (3) Classificação — 6 - Ante-braço esquerdo

Portadora Maria José Silva

CAPÍTULO V

A TATUAGEM COMO ÍNDICE DE PERIGOSIDADE CRIMINAL

A respeito da tatuagem como índice de periculosidade criminal, há abundante literatura pró e contra.

Lombroso foi quem, em primeiro lugar, chamou a atenção dos estudiosos para a importância da tatuagem dos criminosos, opinando que elas denunciavam a regressão atávica dos tipos ao nível das populações selvagens, a vaidade, a jactância e a insensibilidade física dos delinquentes, correspondendo à sua insensibilidade moral (estigma psicológico). Seguiu-se-lhe Lacossagne em celebre monografia apoiada em abundante material colhido entre soldados criminosos, em cujas tatuagens predominam, segundo conclue, a vingança, o ódio à sociedade, a lascívia e as perversões sexuais.

Atualmente, Edmond Locard, "**Le crime et les criminels**", conclue que "seria muito inexato dizer-se que todo homem tatuado é um criminoso, posto que essa afirmação tenda a tornar-se verdadeira".

Marro, **I Caratteri dei delinquenti**, ed. de 1887, págs.

179-186, chamado por Constancio Quiroz, ao lado dos "três evangelistas da escola positiva", o seu "microscopista" ou "anátomo-patologista", é mais comedido. As suas observações foram colhidas no Cárcere Judiciário de Turim e versam sobre 1298 acusados, que ali entraram de Dezembro de 1882 a Julho de 1883. Os tatuados eram 766, correspondendo a 58,24% da população carcerária. Na verdade, Marro afirma que entre os presidiários normais por êle estudados não havia tatuados; mas, acrescenta muito prudentemente que essa verificação desautoriza a conclusão de que não haja pessoas normais tatuadas por espírito de imitação, principalmente entre marinheiros e soldados.

Sonna Salaris, **Il Tatuaggio**, chega, porém, a resultados diferentes. Dos 100 delinquentes sardos examinados, 3 apenas eram tatuados. De 900 loucos também incluídos no seu estudo, só um era tatuado e êsse fôra marinheiro. Em compensação, as prostitutas da mesma região forneceram-lhe a porcentagem de 12,50%.

Não nos parece que a tatuagem seja sinal de criminalidade. Ela é indolor, ao menos pelo processo aqui usado, pois as amplas, concordes e unânimes informações colhidas sobre êsse ponto liquidam todas as dúvidas. Resulta, sim, do ócio das prisões, do isolamento e da saudade dos detentos, a exemplo do que acontece no mar e na cerna. Isso mesmo confessam, em parte, quantos a estudaram, posto que a tomem como índice de criminalidade. Haja vista o que um prisioneiro tatuado declarou a Lacasagne: — **"J'aime a dessiner et, faute de papier, j'opère sur la peau de mes compagnons"**.

A tatuagem tem, contudo, importancia criminológica no sentido de que ela serve para identificar os criminosos, na falta da ficha datiloscópica e também porque é um magnífico elemento para se interpretar o caráter dos prisioneiros. É preciso, todavia, proceder com extremo cuidado, de modo a não se confundir a personalidade do tatuado com a do tatuador, pois acontece frequentemente

que aquele desempenha na tatuagem atitude passiva, deixando-se conduzir pela fantasia e preferência do operador. Na maioria dos casos, tomadas certas cautelas e confrontando-se as primeiras conclusões com outros elementos, chega-se, porém, a resultados positivos. Revelam-se, através dos desenhos da pele, os sentimentos e idéias dos criminosos.

Para êsse fim, é muito útil recorrer-se a alguma das classificações existentes sobre tatuagens. Lombroso classificou-as em 4 grupos, como sinais amorosos, religiosos, guerreiros e profissionais. Muito vulgarizada é a classificação adotada na Enciclopedia de Spassa Calpe: eróticas, religiosas, guerreiras e industriais. A Penitenciária de S. Paulo, onde as tatuagens são estudadas com interêsse, ponderação e carinho, segue a seguinte: 1 Étnicas. 2 Profissionais. 3 Amorosas. 4 Políticas. 5 Criminosas. 6 Passionais. 7 Obscenas. 8 Hieráticas. 9 Ornamentais. 10 Afetivas. 11 Místas. 12 Não classificadas.

De acôrdo com o material colhido nas nossas prisões, adotamos a classificação paulista, superior a qualquer das outras, agregando-lhe, porém, mais três classes: supersticiosas, enigmáticas e simbólicas, além de suprimirmos as classes de tatuagens místas e não classificadas. Foi a maneira que encontrámos de bem classificar e interpretar o copioso material que os esforçados alunos do 2.º ano penosamente coletaram no Presídio Especial e na Penitenciária Agrícola de Itamaracá. Suprimimos a classe místa porque, se a figura couber em mais de uma categoria, parece preferível classificá-la em todas elas. Assim, um coração atravessado por uma seta é uma tatuagem amorosa, mas simbólica, ao passo que um simples nome de mulher só pertence à primeira classe. Incluir-se, portanto, aquela entre as místas, importaria em omitir-se as suas características específicas.

No mais, seguimos o paradigma paulista, classificando as tatuagens como se faz na Penitenciária de S. Paulo,

isto é, pelo número de ordem de sua classe ou, por mais de um número, se a figura também couber em mais de uma classe, no que nos afastamos daquele modelo.

A classificação que adotamos é, portanto, a seguinte:

- 1 — Étnicas
- 2 — Profissionais
- 3 — Amorosas
- 4 — Políticas
- 5 — Criminais
- 6 — Passionais
- 7 — Obscenas
- 8 — Religiosas
- 9 — Ornamentais
- 10 — Afetivas
- 11 — Supersticiosas
- 12 — Enigmáticas
- 13 — Simbólicas.

CAPITULO VI

CLASSIFICAÇÃO E CRÍTICA DAS TATUAGENS COLETADAS

Copiámos fielmente, colocando papel transparente
sôbre a pele dos prisioneiros, 123 tatuagens, que classificá-
mos pela forma seguinte :

Étnicas	0
Profissionais	3
Amorosas	46
Políticas	3
Políticas	11
Criminais	0
Passionais	10
Obscenas	2
Religiosas	20
Ornamentais	10
Afetivas	8
Supersticiosas	2
Enigmáticas	8
Simbólicas	

O volume das classes é, pois, em ordem decrescente: 1) amorosos; 2) ornamentais; 3) criminais; 4) obscenas e afetivas; 5) supersticiosas e simbólicas; 6) políticas e profissionais; 7) religiosas e enigmáticas.

O amor domina a situação por grande margem. É quasi certo, porém, que, entre elas e por deficiência de expressão, haja muitas criminais. Em seguida, figuram as ornamentais e, em terceiro, as criminais, em número de 11. Admito, porém, como já disse, que entre as tatuagens de caráter amoroso figurem muitas recordações de crimes de toda espécie, principalmente passionais. As obscenas figuram com notável contingente, o que mostra quão generalizada entre os criminosos é a perversão sexual. Por certas indagações que fizemos, há suspeitas de que entre as tatuagens amorosas estejam envolvidas duas que se reportam a cenas de pederastia, que os seus portadores tiveram vergonha de confessar.

A superstição muito generalizada entre as nossas classes incultas, avulta nessa apuração, o que é muito natural, pois os criminosos habituais de sangue tatuam cruzeiros e outros símbolos, tais como o signo de Salomão, para "**fecharem o corpo**" ou seja para se tornarem invulneráveis e saírem incólumes das suas frequentes lutas. É também muito comum entre os criminosos dêsse tipo recitarem fórmulas supersticiosas que lhes garantam a incoluquidade e muitos convictamente se supõem a salvo de qualquer projétil de arma de fogo, seja qual fôr a perícia do atirador. Eis porque preferem lutar a faca, temendo que o adversário tenha o "**corpo fechado contra bala**".

Não vimos sinais de tatuagens étnicas. A figura de um selvagem, que certo presidiário ostenta, é simplesmente ornamental, conforme podemos verificar através de hábil e demorado interrogatório a que sujeitámos o seu portador.

A interpretação global das tatuagens dos nossos presidiários, autoriza-nos, portanto, a concluir que os senti-

mentos entre êles dominantes são o amor, a vaidade, a vingança, a obscenidade e a superstição. Uma ou outra vez aflora a idéia de Deus e a paixão política.

ALCUNHAS

As alcunhas, tão frequentes entre os criminosos a ponto de serem raros os que não as têm, indiretamente fornecem bons índices de criminalidade.

Elas provêm em regra da analogia. Ora, é a semelhante do tipo com os animais: **boi zebú, carneiro merinó;** aqui, o perfil, **Gordinho;** alí, a qualidade predominante, **Pé de Ferro;** adiante, o defeito físico: **Gago, Gaguinho;** enfim, a naturalidade ou procedência: **Alagoano,** etc.

Eis as listas dos presidiários que na Penitenciária de Itamaracá têm alcunhas:

Abílio Ferreira de Lima — **Abílio Coqueiro** (refere-se à altura).

Adalberto Pereira Gomes — **Carnaval.**

Alcides Antonio Zeferino — **Alcides Ventania** (bom corredor).

Amaro Francisco dos Santos — **Amaro Roxo** ou **Roxinho** (côr da pele).

Amaro Firmino Torres — **Amaro Abreu.**

Amaro Ribeiro de Paulo — **Bolinha** (forma da silhueta).

Argemiro Bezerra das Graças — **Argemiro de Antão.**

Antonio Alves — **Bala** (bom atirador).

Antonio Braz da Silva — **Antonio Pequeno.**

Antonio Joaquim dos Santos — **Mestre Cuca** (cozinheiro).

Antonio Mauricio Chaves — **Alemão** (tipo estrangeirado, vermelho, louro).

Antonio Pereira de Lima — **Antonio Eugenio.**

Cantidiano José de Oliveira — **Campos** (naturalidade).

- Carlos Gomes da Silva — **Carrinho**.
- Eloi Rodrigues de Souza — **Israel**.
- Ezequiel Francisco dos Anjos — **Ratinho** (pequena estatura, feições miudas, orelhas finas e delicadas).
- Francisco Gomes da Silva — **Chicuca**.
- Francisco Luiz de Moura — **Chico Cará**.
- Hermenegildo Belo — **Carneiro Merinó** (semelhança da face com a dos carneiros pretos).
- Herminio Ferreira de Melo — **Gordinho** (homem gordo e baixo).
- Julio Monteiro do Nascimento — **Alemão** ou **36**.
- João Barbosa de Oliveira — **Caboclo Paraíbano** (naturalidade).
- João Evangelista da Silva — **Bombeiro**.
- João Francisco Claudino — **João Padre**.
- João Mariano da Silva — **João Agoniado** (homem apressado, nervoso).
- João Pedro Torres — **João Bagano**.
- João Roberto da Silva — **João Patanha** ou **José Pedro**.
- João Sabino de Barros — **João Gago** (gaguez).
- João Verissimo da Silva — **João Beija Flor**.
- José André dos Santos — **Gafanhoto** (semelhança).
- José Batista Bezerra — **Cilourão**.
- José de Lima Gonçalves — **Barulho** (arruaceiro).
- José Ferreira da Silva — **Pintado** (manchas da pele, vitiligo).
- José Francisco Baptista Filho — **78**.
- José Francisco da Silva — **Bronzeado** ou **José da Marta** (côr da pele).
- José Inacio Xavier — **José Bimbim**.
- José Izidio Correia de Andrade — **José Velho, Vermelho** ou **Volta Seca**.
- José Lopes da Silva — **Nenê**.
- José Marcolino da Silva — **José Pretinho**.

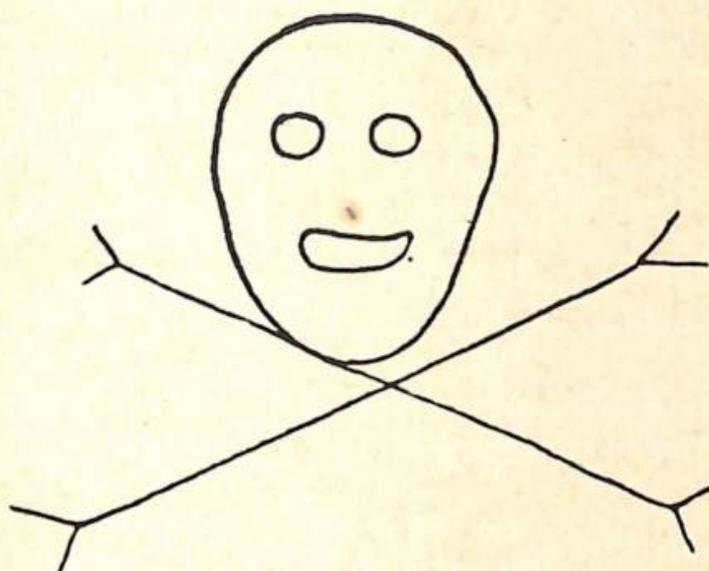
NESTOR

(1)

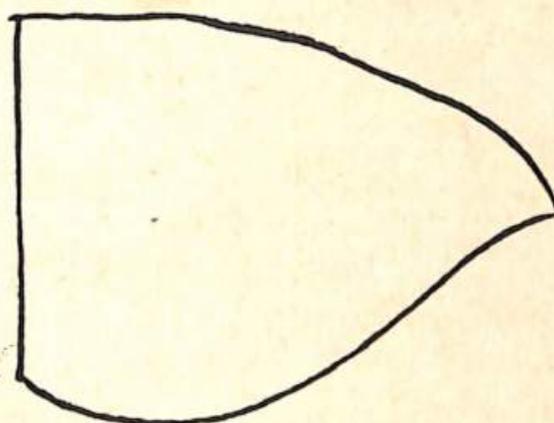
J.T.S.

(2)

- (1) Classificação — 3 - Ante-braço direito
(2) Classificação — 3 - Ante-braço esquerdo
Portadora Julia Ferreira



(1)

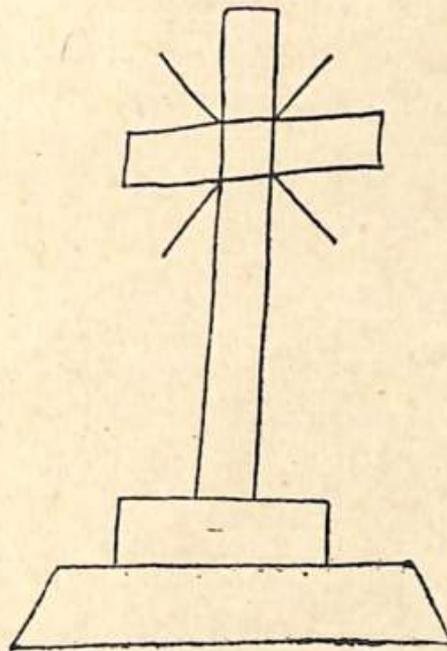
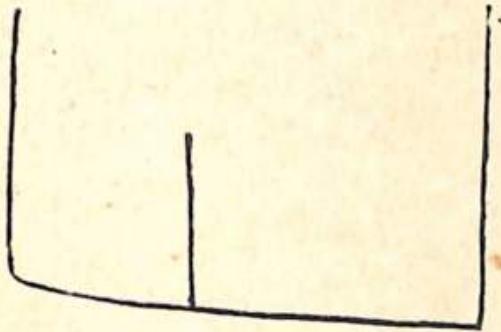


(2)

(1) Classificação — 5 - Ante-braço direito

(2) Classificação — 3 - Ante-braço esquerdo

Portador Alfredo Biar da Silva



(1)

DEUS

(2)

WEL
A.E

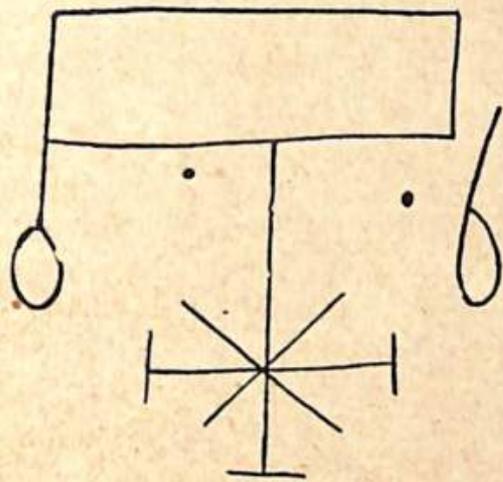
(3)

(1) Classificação — 5 - Braço direito

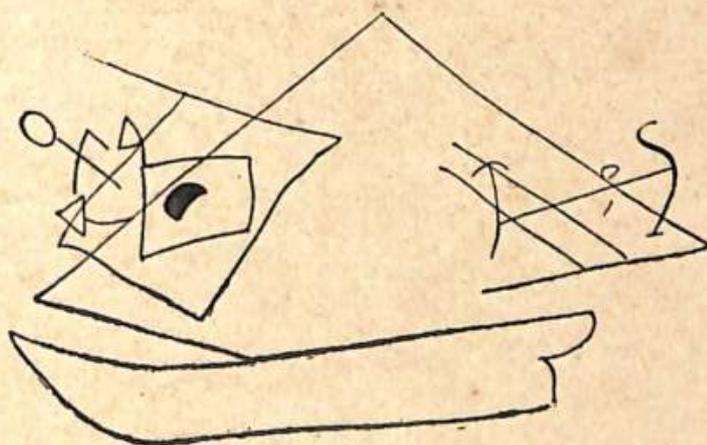
(2) Classificação — 10 e 12 - Braço direito

(3) Classificação — 5 - Ante-braço esquerdo

Portador Alfredo Biar da Silva



(1)

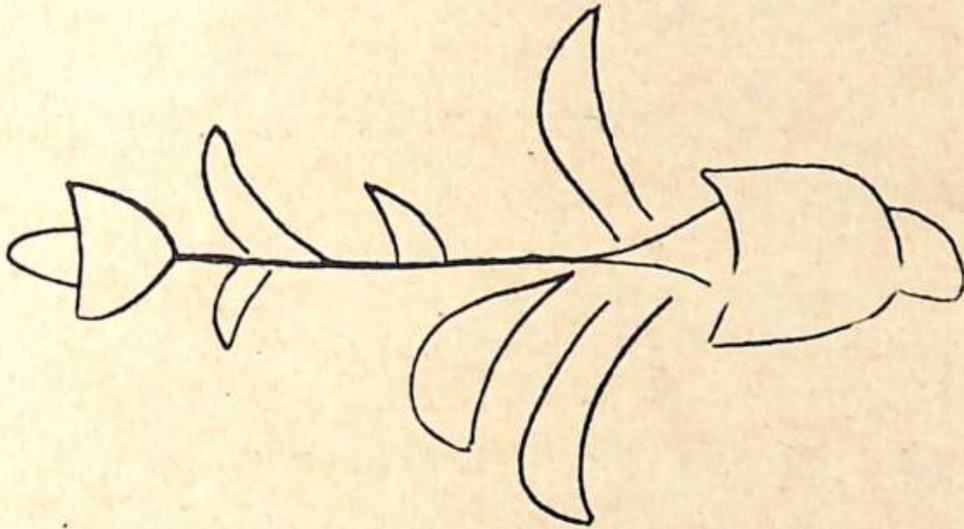


(2)

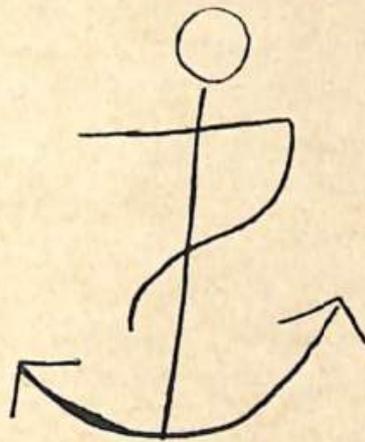
(1) Classificação — 5 - Dorso da mão esquerda

(2) Classificação — 2 e 4 - Ante-braço esquerdo

Portador Antonio Tintino da Rocha



(1)



A.T.R.

(2)

(1) Classificação — 8 - Ante-braço esquerdo

(2) Classificação — 2 - Ante-braço direito

Portador Antonio Tintino da Rocha

José Pedro Correia — **Alagoano** (naturalidade).

José Peixoto Sobrinho — **José Tetéo** (passaro que não dorme).

José Ricardo da Silva — **Nozinho** ou **Delegado**.

José Vicente Ferreira da Cruz — **José Marabá**.

Lauro de Miranda Lobo — **Galo Amarelo** (semelhança).

Luiz Francisco do Nascimento — **Luiz Ferro**.

Luiz Mariano da Silva — **Curió** ou **Antonio Nú**.

Luiz Vieira de Castro — **Pé de ferro** (algum celebre ponta-pé).

Manoel Antonio da Silva — **Noé**.

Manoel Cesario do Nascimento — **Manoel Cachimbinho**.

Manoel Ferreira da Silva — **Bola** (silhueta arredondada).

Manoel Ferreira da Silva — **Tampinha** (raqúitico).

Manoel Francisco — **Dorme-dorme** (dorminhoco).

Manoel Gomes da Silva — **Matarí**.

Manoel Henrique de Freitas — **Pai**.

Manoel Henrique Luiz — **Manoel Cacáu** (bicho cacáu, valentão).

Manoel Herculano de Souza — **Barbadinho** (barbas).

Manoel José da Silva — **Manú Dudú**.

Manoel Pedroza de Oliveira — **Gaguinho** ou **Macaheira**.

Manoel Vitalino de Macedo — **Marinheiro** (marítimo ou português).

Marcelino Viegas da Silva — **Maçã** (face rotunda e corada).

Mariano Manoel José — **Mariano Purgador**.

Otaviano Manoel Francisco — **Negrinho**.

Pedro Inácio dos Santos — **Corre Campo** ou **Pedro**

Mota (nómade).

Pedro Pereira de Araujo — **Pedro Rosa**.

Peciliano José do Nascimento — **Nino**.

Raimundo José da Silva — **Costeleta** (usa costeletas).

- Severino Caetano de Lima — **Costeleta** (usa costeletas).
- Severino de Souza Leão — **Batateira**.
- Severino João da Silva — **Boi Zebú** (semelhança notável).
- Severino José da Costa — **Severino Jorge**.
- Severino José de Oliveira — **Biu** ou **Marreta**.
- Severino José Ferreira — **Severino Preto**.
- Severino Vieira de Melo — **Bota Fervendo** (agitado, inquieto).
- Salustiano Francisco da Silva — **Salú**.
- Sebastião de Sá Catolé — **Rembaque**.
- Sebastião Paixão da Silva — **Bainha**.
- Tertuliano José — **Terto**.
- Valdomiro Bernardo da Silva — **Ventola** (nariz de azas muito abertas).
- Vicente Pereira da Silva — **Vicente Belo**.
- Vicente Severino da Silva — **Teteu** (sofre de insônia).

Em princípio, a alcunha nada significa em Criminologia, antes representa costume generalizado no Nordeste, quiçá no Brasil inteiro. Todos os **chauffeurs** de praça, homens pacíficos e honrados, são, no Recife, conhecidos pelos seus "nomes de guerra": "Marinheiro", "Manga espada", "Diabinho", "Rui Barbosa", "Mossoró" e outros que tais.

Se de alguma causa mais profunda proviessem as alcunhas, as suas raízes estariam nas metáforas a que os índios brasileiros recorriam para denominar os filhos: **Tebiricá** — o vigilância da terra, **Jaguararô** — onça brava, etc. Assim também, o "**Canela de Ferro**" é o gatuno bom corredor que sempre escapa à perseguição da polícia e "**Mão de Seda**", o habilíssimo batedor de carteiras, que opera tão sutilmente a ponto de a vítima não sentir o toque.

Neste sentido, a alcunha fornece ao criminólogo indicações de valor inestimável. Constitue, às vezes, uma súmula da vida criminal do sujeito.

CAPITULO VII

OS CANGACEIROS

História da pirataria e sua semelhança com o cangaço. O cangaço — fenômeno antropogeográfico dos sertões nordestinos. Estratégia dos cangaceiros e sua estranha religiosidade. Comportamento presidiário desses bandidos.

A curva histórica da pirataria é um dos mais impressionantes e espetaculares fenômenos criminais até hoje conhecidos.

Na idade antiga, os piratas infestaram o Mediterrâneo e principalmente o Arquipélago, onde a topografia da região sobremaneira os protegia, até quando Pompeu, Consul do mar, apoiado, no Senado, pela palavra altissonante de Cícero, os varreu dos mares. Mais tarde, com os turcos e mouros, voltaram à carga durante a Idade Média, a Renascença e até em plena Idade Moderna. Entre os prisioneiros sujeitos a resgate, contam-se, entre os mais célebres, Julio César, Santo Antônio e John Howard, o ben-

feitor dos presidiários, que deveu a vocação de criminalista aos seu apresamento por piratas nas costas da Espanha.

Cúmplices nos portos e costas desertas, nunca lhes faltaram. O cônsul romano na Grécia, a quem Júlio César denunciou os piratas que o haviam aprisionado, participava, sem dúvida alguma, do saque que aqueles bandidos praticavam em larga escala:

O escândalo chegou a ponto de nações poderosas, como a Inglaterra e a França, pagarem tributo a êsses ladrões de mar para que deixassem em paz as suas náus. Só os Estados Unidos reagiram contra êsse imposto vergonhoso, enviando à Europa uma expedição que apánhou de surpresa a frota dos piratas nos seus portos do norte da África, destroçando-os para sempre.

As rotas de navegação da América registram as mais ousadas e torpes façanhas da pirataria. O mar das Antilhas era o ninho predileto dos filbusteiros que comercializavam escandalosamente nos portos norte-americanos. Alí se abasteciam, sob a complacência das populações e de muitas autoridades da colônia.

As costas do Brasil foram igualmente cenário das proezas dêsses "**demônios do mar**". Recife, Baía, Rio de Janeiro e outras povoações litorâneas foram muitas vezes saqueadas por piratas de várias nacionalidades. Gonçalves Dias, o nosso genial poeta, morreu vítima de piratas nas costas do Maranhão.

Tais proporções assumiu a pirataria que tomou esporas de cavaleiro, dominou a civilização e tornou-se normal. O pirata passou a ser, no comércio e transporte de passageiros, um dos riscos de mar, orçados pelos armadores e viajantes. Veja-se o que a respeito do assunto relata, com erudição e abundância de detalhes, Philip Gosse, **Histoire de la Piratarie**, tradução do inglês pelo capitão P. Teillac.

Depois da vitória dos norte-americanos sôbre os piratas africanos, as convenções internacionais sôbre a punição universal dêsse crime, polícia dos mares e vigilância

dos navios suprimiram definitivamente a pirataria da estatística criminal. Só, de longe em longe, houve notícia de alguns atos isolados de pirataria no mar da China, onde a vigilância não era ainda perfeita.

A história fornece, assim, elementos decisivos à conclusão de que a pirataria resultou em todos os tempos da falta de policiamento nos mares. Sempre que houve polícia marítima eficiente, o crime desapareceu.

Assim como os mares despolicados deram origem ao pirata, assim também o sertão, imenso, semi-deserto, sem policiamento eficaz, é a razão de ser do cangaço.

Inútil buscarem-se origens puramente humanas, étnicas, sociais ou políticas, para se explicar o cangaço. Cangaceiros do mar — os piratas — surgiram de todos os tipos e povos do mundo: romanos, turcos, ingleses, gregos, franceses, africanos de várias procedências, holandeses, suecos, dinamarqueses, americanos, etc., enfim, homens de todas as nacionalidades, raças e climas. Não é, pois, de extranhar que também haja piratas de terra no sertão nordestino.

O fenômeno não é assim puramente humano, nem étnico, nem social, nem político, como alguns pretendem: é, sim, antropogeográfico e nada mais.

Por outro lado, coiteiros (José Américo, "**Os Coiteiros**") também eram quantos apoiavam em terra os ladrões do mar e, indiretamente, as nações que lhes pagavam tributos temendo represálias.

Na verdade, se há entre os coiteiros verdadeiros cúmplices, que participam das pilhagens dos cangaceiros, a grande maioria dos que lhes fornecem armas, indicações e hospedagem procedem temendo a sanha sanguinária desses bandos ferozes que punem inexoravelmente, com a morte e a destruição, quem, de qualquer modo, se lhes oponha.

O declínio e extinção da pirataria repetem-se com o cangaço, que está hoje quasi extinto com as estradas aber-

tas ao tráfego de automóveis e melhor policiamento da região sertaneja.

A vida criminal dos cangaceiros pode ser facilmente planificada, pois todos êles seguem idênticos costumes, aplicam a mesma estratégia de saques, guerrilhas e retiradas, em que são habilíssimos. Os motivos que os impelem a essa vida de crime é que variam de homem a homem. Às vezes, é a vingança do sangue, o motivo inicial da carreira criminal, como no caso do célebre cangaceiro Antônio Silvino:

"Mataram-lhe o pai, quando êle ainda menino.

"Não puniu a justiça o assassino.

"Quando Silvino cresceu, vingou-se, matando-o a êle, o criminoso, e a mais quatro irmãos seus.

"Depois, correu o sertão, durante vinte anos, espalhando o terror, desafiando os governos, roubando nas estradas, tocando fogo nas fazendas e saqueando o comércio" (Xavier de Oliveira, "Beatos e Cangaceiros").

Antônio Silvino é, aliás, o **nome de guerra** de Manoel Batista de Moraes, que o adotou em lembrança do célebre Silvino Ayres, sob cujas ordens servira. Branco, bem nascido, de tradicional família paraibana, corpulento, agigantado, não tinha estigma algum de degeneração. Ao contrário, era um magnífico exemplar de pura raça branca.

Atingido por um projétil que lhe transfixou o pulmão, sofreu grande hemorragia e foi prêso quasi exangue, perto do local do combate que travara com a polícia de Pernambuco.

Sarou em 15 dias, o que ao meu ver apenas indica que a sua constituição e saúde eram excelentes, mas que para certos criminalistas importa em **desvulnerabilidade**, estigma criminal segundo Lombroso e Ferri.

Há, realmente, opiniões valiosas como a do sr. Gustavo Barroso que, em "Terra de Sol", depois de reconhecer a existência entre os cangaceiros de alguns tipos singulares, proclama que a maioria dêles compõe-se de tarados:

"... perversos, covardes, crivados de todas as taras, atupidos de todas as psicopatias, raramente brancos, sempre mestiços de último cruzamento, braquicéfalos, prognatas, assimétricos, mal formados, faces horrendas, simiescas, como contrações de orango e um abrir de mandíbulas desmesurado, bestiais, de olhos baixos de tigre farto ou fusilando torvos, sob as pálpebras grossas, de revés".

O trecho é literariamente belo e forte, mas, as nossas observações antropológicas não confirmam aquelas expressões.

Igualmente, o que consta das fichas do Gabinete de Antropologia do Presídio Especial do Recife, cujas observações são rigorosamente exatas, a cargo de um dos mais competentes antropólogos brasileiros, o dr. Alvaro Ferraz, opõem-se formalmente a semelhantes conclusões. Brancos e doliocéfalos são muitos dos cangaceiros ali estudados e os tipos que entre eles predominam vêm a ser os dos mulattos de meio sangue, de retorno a branco e a negro. Alguns trazem à sua origem índia nos traços fisionômicos. "**Mestiços de último cruzamento**" não aparecem entre os cangaceiros aprisionados nem há notícia deles.

A vingança do sangue é, aliás, uma atitude humana e transformou-se em instituição jurídica que a certo tempo dominou todo o direito penal e imperou no mundo inteiro. Israelistas, egípcios, romanos, bárbaros e selvagens de todos os matizes praticavam-na amplamente.

Prins, "**Droit Penal et Science Penitentiaire**", informa que as guerras entre famílias com origem na vingança do sangue eram comuns na Bélgica e em todo o norte da Europa em pleno século XVIII. A "**trégua de Deus**" e o "**Direito de azilo**", instituições eclesiásticas, assim como "**La Quarentaine le Roy**", seu equivalente civil na França, visaram diminuir os efeitos dessa justiça pessoal e sangrenta, já que de todo não se podia abolí-la.

O sertanejo, que a bem dizer, só conhece de vista a polícia e a justiça, tem lá o seu direito penal selvagem e,

à margem da lei, escreve um código de honra e de justiça. A voz do sertão falou pela boca do seminarista que abandonou os estudos, em "Coiteiros" de José Américo :

"Vou vingar a morte de meu pai. Mataram meu pai."

Comentando essa tendência à vingança, escreve ainda o citado autor, no mesmo livro :

"Guardava a herança dêsse ódio como um bem de família. A violência das virtudes antigas era um apêlo da natureza mais íntima, do compromisso que devia passar de geração em geração, como o ônus de um legado".

"Ele herdara êsse destino. O sangue derramado clamava vingança. O sangue pagava-se com o sangue".

Nenhum arrepio cause êste sentimento. É inteiramente explicável que a forma de justiça esteja hoje nos nossos sertões áridos e despovoados ao nível da dos mais adiantados países europeus no século XVIII !

Outros cangaceiros são fugitivos da justiça. Praticaram um crime qualquer e, perseguidos pela polícia, fazem-se chefes de bando ou aliam-se a bandos já existentes.

Há, também, os de tendência criminal acentuada que entraram voluntariamente no cangaço e nêle permaneceram toda a vida. Lampeão, por exemplo.

Enfim, alguns ingênuos de vocação militar e tendências aventureiras entram nêsses bandos de salteadores como se se alistassem em tropa regular e cumprem lealmente as extranhas obrigações que assumiram, fiéis às hediondas regras de comportamento que o grupo adotou. A quem desconhece o gráu de credulidade e ignorância de certas populações do Oeste brasileiro, tamanha ingenuidade pode parecer hipocrisia. Mas é a pura verdade, tais as lendas e a auréola de bravura e habilidade guerreira que cercam as figuras de certos bandidos. Efetivamente, a vida de muitos dêles, a exemplo do que acontece com certos salteadores de profissão nos países latinos, espanhóes e italianos principalmente, está cheia de lances cavaleirescos e heróicos.



(1)

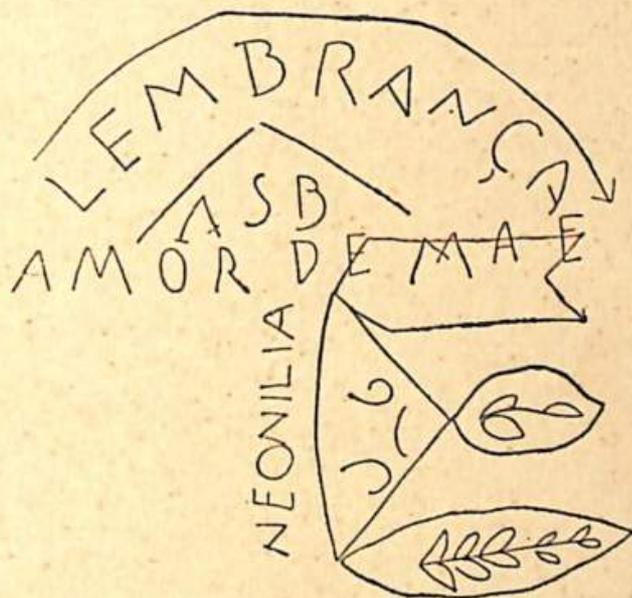


(2)

(1) Classificação 3 e 8 — Hemitorax direito

(2) Classificação 1 e 8 — Coxa direita

Portador — Antonio dos Santos

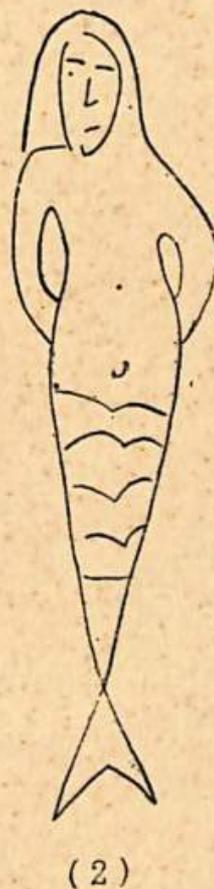
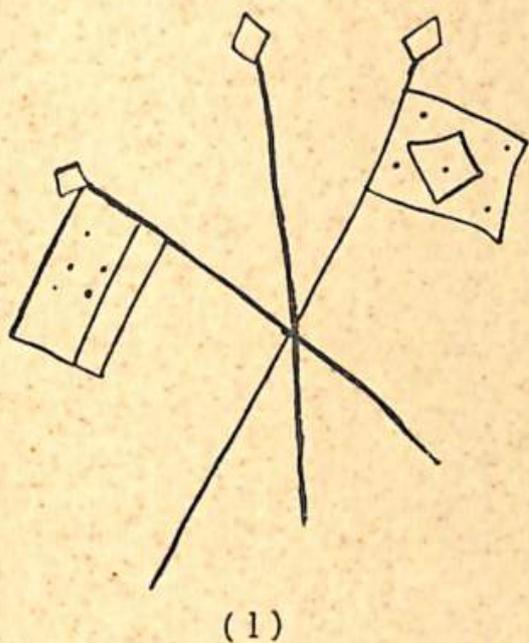


(1) e (2)



(3)

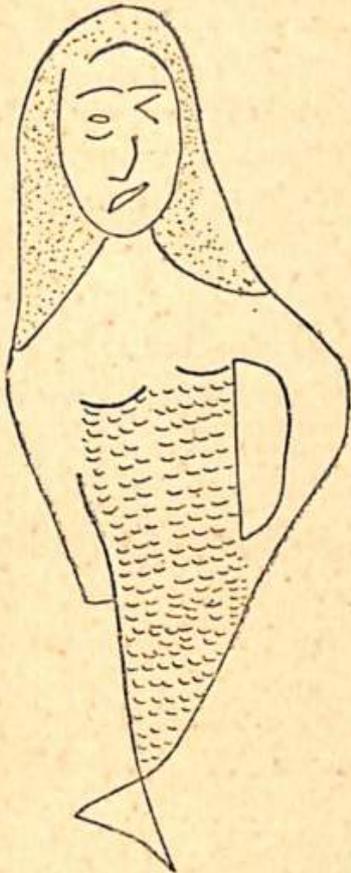
- (1) Classificação — 9 - Côxa esquerda
 - (2) Classificação — 4 e 8 - Braço esquerdo
 - (3) Classificação — 3 - Hemitorax esquerdo
- Portador — Antonio dos Santos



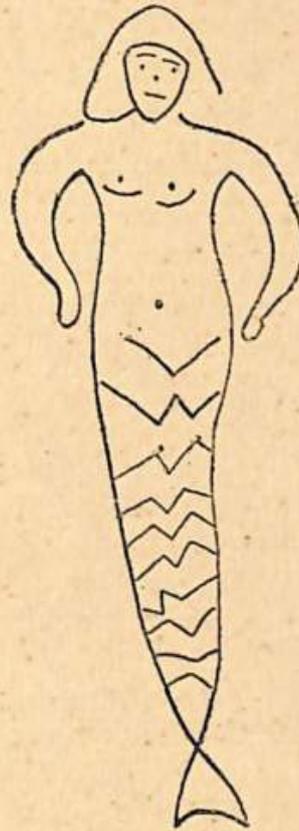
(1) Classificação — 4 - Braço direito

(2) Classificação — 2 - Braço direito

Portador Manoel Faustino da Silva (marítimo)



(1)



(2)

(1) Classificação — 2 - Ante-braço direito

(2) Classificação — 2 - Ante-braço esquerdo

Portador Manoel Faustino da Silva

Eis o que diz Franklin Távora, n' "O Cabeleira", a respeito do célebre malfeitor que romanceou :

"Merecem-nos particular meditação, ao lado dos que aí se mostram dignos da gratidão da pátria pelos nobres feitos com que a magnificaram, alguns vultos infelizes, em quem hoje venerariamos talvez modêlos de altas e varonís virtudes, se certas circunstâncias de tempo e lugar não pudessem desnaturar os homens, tornando-os açoites das gerações e algozes de sí mesmos. Entra nesse número o protagonista desta narrativa, o qual se celebrizou na carreira do crime, menos por maldade natural, do que pela crassa ignorância que em seu tempo aguilhoava os bons instintos e deixava soltas as paixões canibais... À sua audácia e atrocidades deve seu renome êste herói legendário para o qual não achamos par nã crônicas provinciais. Durante muitos anos, ouvindo suas mães ou suas áias cantarem as trovas comemorativas **dêsse como Cid ou Robin-Hood pernambucano**, os meninos, tomados de pavor, adormeceram mais depressa do que se lhes contassem as proezas do **lobis-homem** ou a história do **negro do surrão**, muito em voga entre o povo naqueles tempos :

"Fecha a porta, gente,
"Cabeleira aí vem,
"Matando mulheres,
"Meninos também".

Salvo raras exceções, a religiosidade sempre se manifesta nos cangaceiros. Certa vez, Lampeão arriscou a vida e a sorte de todo o seu grupo para cumprir a promessa de acender uma vela na igreja de S. Miguel dos Campos, em Alagôas. Estava acossado pela polícia que, em grupos esparsos, procurava cercá-lo; mas, êle, que assassinava friamente, fizera uma promessa e teve de cumprí-la.

Veja-se êsse outro, o beato-cangaceiro Ricardo segun-

do o que éle próprio disse a Xavier de Oliveira e vem relatado em **"Beatos e Cangaceiros"** :

"O malandro deitou-se, esticou as canelas, tremeu um bocado, como nas tantonas da morte e, depois, ficou quieto.

"Rezei-lhe uma Ave-Maria, e não me incomodei mais com éle".

É o caso de dizer-se que só Deus, porque é Deus, entende certas devoções incoerentes. . . .

A mais grosseira superstição domina por completo os cangaceiros no meio da sua hedionda carreira de assassinatos e latrocínios. Quasi todos usam orações que lhes **"fecham o corpo"** às balas dos soldados (macacos, na sua gíria, e crêm piamente que isso aconteça.

A respeito de repelente sicário de Camocim, em Pernambuco, corria entre o povo, vítima das suas tropelias, que éle usava uma oração que o tornava invisível. Alguns, que dêle foram vingar-se, afirmavam ter visto apenas o cavalo em que ia montado e por isso erraram o tiro. Até que afinal um mais avisado misturou sal na carga da espingarda com que o visou e por êsse meio acertou no alvo, derrubando-o, pois também é credence generalizada que o sal desencanta os que têm **"corpo fechado"**.

A estratégia do cangaceiro é a guerrilha, a fuga e o ataque permanentes. Êles conhecem, como ninguém, as veredas, os atalhos e esconderijos do sertão. As distâncias, aí, são imensas, as comunicações precárias. Telégrafo, só em algumas povoações importantes e raras moradas existem ao longo das rodovias. Perdidos nas catingas, há um ou outro rancho. De modo que, conhecedores perfeitos dêsse terreno difícil, embrenham-se os cangaceiros pelas catingas desertas, fugindo à ação da polícia que, em regra, só pode chegar tardiamente, se antes não cái nas tocáias que êles preparam com os mais engenhosos ardis.

Numa dessas ciladas caiu certa vez uma patrulha montada da polícia de Pernambuco, sendo dizimada.

Os soldados perseguiram o grupo de Lampeão que sabiam estar perto. Cientes de que a polícia os alcançariam ao longo da estrada por onde se retiravam, os cangaceiros deixaram cair um chapéu de couro numa falsa vereda que entroncava com o caminho principal. Os soldados entenderam que aquilo era sinal de que os bandidos fugiam em desordem por aquele atalho e meteram-se, a galope, pela suposta vereda.

Mas ali havia apenas uma trilha de boi por onde os animais iam beber a um lagedo que acumulava água de chuva num **caldeirão**, cova formada pela decomposição parcial da rocha. Esse lagedo fechava a vereda, ao fundo, em semi-círculo dominante e era inteiramente mascarado pela vegetação existente aos lados do estreito caminho, de modo que só podia ser notado a poucos passos de distância.

Quando a desprevenida patrulha desembocou na armadilha, foi recebida, de surpresa, por nutrido fogo cruzado que, de repente, a dizimou. Não puderam os soldados responder à imprevista descarga. O comandante da tropa, aliás oficial bravo e afeito às lutas do sertão, escapou a custo com poucos sobreviventes, abandonados os animais.

Se, por acaso e má sorte, algumas vezes os cangaceiros vêm a ser surpreendidos, oferecem tenaz resistência. Sempre bem armados e municados, escolhem, para acampar, pontos estratégicos e inaccessíveis com retirada segura, e, valentes, atiradores peritos, tiroteiam e retiram-se logo que são perseguidos. Nesses encontros ocasionais, perdem alguns homens, mortos ou feridos, a tropa atacante faz raríssimos prisioneiros, mas o grosso do bando sempre consegue evadir-se.

Assim se refere José Américo no seu já citado livro "Os Coiteiros", ao cangaceiro Setecouros, colhido num desses tiroteios:

"E como um herói hediondo, baqueou, aproveitando a última convulsão para um disparo".

Desconfiados de tudo e de todos, não há precaução a que não recorram. Temem, sobretudo, o envenenamento, meio fácil de eliminá-los, como denota o trecho real e significativo com que José Américo abre a narração de "Coiteiros":

"O chefe do bando riscou a meça com o punhal enferrujado de sangue humano, em sinal de ameaça, como se estivesse lavrando uma sentença de morte. E ordenou ao dono da casa: — "Coma primeiro".

Curioso é que todos os cangaceiros mantêm na prisão comportamento exemplar. São disciplinados, obedientes, cumprem rigorosamente os regulamentos e trabalham com esforço e dedicação. Alguns deles acabam obtendo livramento condicional. Antônio Silvino, não obstante a sua má vida, obteve parecer favorável do Conselho Penitenciário ao seu livramento. O juiz de Olinda não concedeu o benefício. Indultado, comportou-se bem até a morte, ocorrida em João Pessoa a 18 de outubro do corrente ano de 1943.

Acometido, então, de edema pulmonar agudo e socorrido pela Assistência Pública, o médico que o sangrou, fez discretamente a seguinte observação digna de registro:

— "Vejam lá as voltas do destino. Esse homem sangrou tanta gente para matar e agora eu o estou sangrando para poupar-lhe a vida".

De tropelias na prisão, em Pernambuco, só há notícia do cangaceiro José Felipe dos Santos, **Relâmpago**, do bando de Antônio Silvino, que matou o sub-Diretor da Casa de Detenção, João Pereira da Silva, quando este o repreendeu, com um furador de papel que ficara esquecido sobre a carteira da sala da Administração.

Eis os nomes de alguns cangaceiros do grupo de Lampeão recolhidos ao Presídio Especial do Recife: Francisco Miguel do Nascimento (vulgo Passaro Preto), Antônio

Quelé Alves Bezerra (Candieiro), Manoel Torquato de Amorim, Euclides Arsênio Gomes (Quidú), Fortunato Domingos de Farias (Guará), Antônio Gregório da Silva (Braúna), João Donato Rodrigues (Gavião), José Agostinho Neto (José Rufo), Domingos dos Anjos Oliveira (Serra do Mar ou Mão Foveira), Genésio Vaqueiro de Souza (Morão), Isaias Vieira dos Santos (Zabelê), Benedito Domingos de Faria (Coxo), Manoel Soares de Caldas (Ventania), Rufino dos Anjos Oliveira, Artur Gomes da Silva (Beija-Flor), Angelo Emilio (Capão), Antônio Serafim, Francisco Antônio (Cocada), Sebastião Valério (Cascão).

Camilo Domingos de Farias, o Pirulito, outro cangaceiro do mesmo grupo, foi assassinado no Presídio Especial por um sentenciado que, aliás não era cangaceiro.

CAPÍTULO VIII

QUESTÕES DE TERRA

É, realmente, lastimável a incerteza em que flutua a propriedade imóvel no Brasil. Mesmo na zona urbana do Rio de Janeiro, S. Paulo e outras cidades principais, onde, pelas circunstâncias locais e compacta edificação, os limites dos imóveis estão, em regra, fixos, muito há a esclarecer e retificar.

No interior, não há exagêro em afirmar-se que raros distinguem exatamente o próprio do alheio. Poucas são as propriedades demarcadas. Em geral, os títulos aludem aos limites de modo vago e incompleto. Frequentemente, tais referências cáem no pitoresco. Lí centenas de títulos de domínio que apenas aludem a "**limites conhecidos e respeitados**". Também um cajueiro sêco, pulverizado pelo tempo e uma vereda que já não existe ou mudou de direção servem de marco e divisa.

Se, por acaso, existe demarcação, os posseiros e **os grilos** de tal modo perturbam e confundem o que devera ser claro e estável que os capitais se retráem, desviando-se para aplicações mais seguras.

Dessa confusão generalizada resultam incalculáveis prejuízos para a economia nacional que, como todas as economias, faz do solo seu inevitável ponto de partida.

Enfim, tal a instabilidade do domínio no Brasil, principalmente no Nordeste, que, se não fossem a bôa fé, a generosidade e o cavalheirismo da nossa gente, a vastidão do país e a fartura em que vivem os grandes proprietários de terras, êsse cáos importaria em calamidade pública pela insegurança geral dos direitos.

Quanto à pequena propriedade, os choques e conflitos são numerosos. Os confinantes, vagos e incertos os limites, invadem frequentemente as terras alheias, muitos de bôa fé, alguns por malícia. Às vezes, numa questão de limites, ou ninguém tem razão porque são todos reciprocamente culpados, ou, de bôa fé, presumem, com iguais fundamentos, que lhes pertença a mesma gleba.

Ora, o nosso povo é facilmente excitável e a sua suscetibilidade leva-o a deslocar para o terreno pessoal qualquer choque de interesses.

Demais, o camponês por toda a parte ama a terra. Este sentimento universal é a base do nativismo, origem da idéia de pátria. O solo não representa para êle um simples valor econômico. É êle mesmo. Cada palmo de terra, na pequena propriedade, contém uma recordação de infância ou uma lembrança de família. As árvores que êle plantou e os edifícios que construiu confundem-se com a sua personalidade.

Principalmente o sertanejo é apegado, como ninguém, à terra combusta, árida e hostil. Fóra do seu ambiente, êle sofre a nostalgia do sertão como se estivesse no estrangeiro. Prova cabal do seu aferro à região onde nasceu são as retiradas que as secas provocam.

Levas e levaras de homens, mulheres e crianças descem, pelas longas estradas, empoados, suarentos, famintos. Quasi ao término dessa penosa caminhada, já à vista de terrenos férteis ou de cidades fartas, se lhes chega notícia



(1)

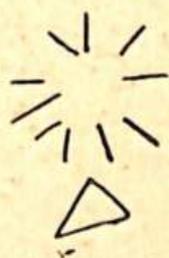
(1) Classificação — 2 - Braço esquerdo
Portador Manoel Faustino da Silva (marítimo)

M.A. S.

(1)

DEUS
E PAE SILÁ

(3)



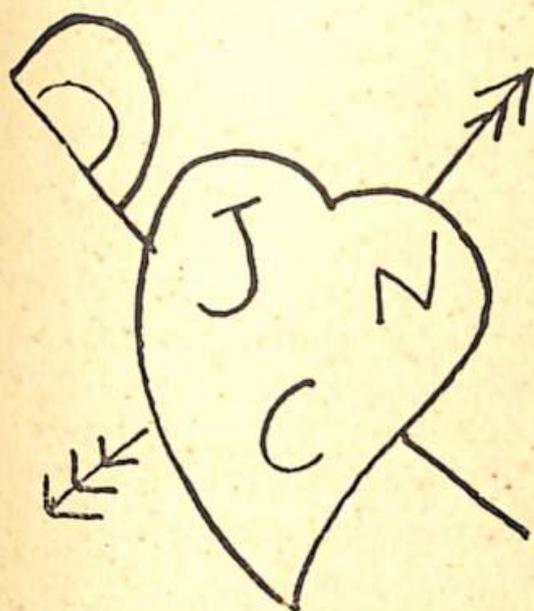
(2)

(1) Classificação — 3 - Braço esquerdo

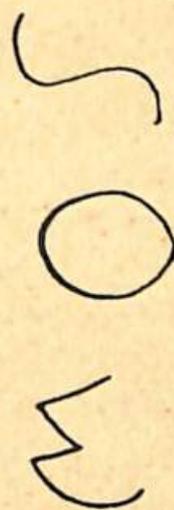
(2) Classificação — 10 - Braço esquerdo

(3) Classificação — 3 - Ante-braço esquerdo

Portador João José dos Santos



(1)



(2)

JUDITHES MARQUÊ
CAVALCANTE

(3)

- (1) Classificação — 6 - Hemitorax esquerdo
 - (2) Classificação — 9 - Ante-braço esquerdo
 - (3) Classificação — 3 - Ante-braço direito
- Portador João José dos Santos

de chuva no sertão, empreendem, sem hesitar, a viagem de volta.

Cada ano, na época da colheita, afluem à zona canavieira de Pernambuco milhares de trabalhadores sertanejos (corumbas como são conhecidos nas usinas). Alojamo-se e convivem à parte. Logo que reúnem um pequeno pecúlio, abandonam o trabalho e voltam ao sertão, desdenhando quaisquer vantagens.

Em tais condições, a invasão do que é ou do que o sertanejo presume pertencer-lhe constitue afronta grave.

Ora, a justiça, ou de todo não existe no interior ou encontra tais dificuldades em dar a cada um o que é seu que frequentemente resolve mal as questões de terra, quando de todo não as abandona à solução direta dos interessados.

Acerbamente criticado foi certo juiz que, não encontrando elementos para decidir um litígio entre vizinhos porque havia provas equivalentes de parte a parte, julgou a causa empatada e condenou o escrivão nas custas.

Afóra o ridículo de semelhante sentença, somos forçados a reconhecer que, se não fôra a magestade do Poder Judiciário, um dêsesse princípios que, na frase lapidar de Rui Barbosa, sempre se devem salvar, ainda quando se perca tudo o mais, aquela seria a única maneira exata de decidirem-se tantas questões insolúveis de limites que transitam pelo fôro...

Eis porque as irritantes questões de terras são causa de muitos homicídios, lesões corporais, ódios e vinganças de toda espécie. A ponderação das nossas estatísticas criminais conclue que grande parte dos crimes contra a pessoa, no Nordeste, provem da incerteza e confusão da propriedade imobiliária.

É, portanto, urgente estancar essa fonte de crimes.

A brilhante obra de Ferri, infelizmente em alguns pontos obscurecida pela sua vaidade intelectual, foi lúcida e inimitável na maior parte dos seus substitutivos penais,

destinadas a suprimir as grandes causas sociais do crime. Se, no Brasil, se fizesse uma bôa consolidação da propriedade imóvel, teríamos adotado um substitutivo penal de benéficas consequências.

Isso só se conseguiria mediante demarcação compulsória e administrativa de todos os imóveis, depois de feita a conferência judicial dos títulos. O que da conferência e demarcação resultasse atribuiria definitivamente os direitos dominicais. Não seria permitido impugnar-se diretamente o resultado, que constaria de um livro de registro de plantas no cartório do Registro Geral de Imóveis.

Provavelmente muitas lesões de direito resultariam desse cadastro geral da propriedade. Esse inconveniente seria remediado com permitir-se aos prejudicados o ressarcimento em dinheiro. A nação responderia subsidiariamente nos casos em que os devedores fossem insolventes.

Os sacrifícios e despesas desse exaustivo serviço seriam amplamente compensados pela benéfica influência que tais providências exerceriam sobre a economia nacional, além de que se eliminaria um dos mais graves fatores sociais do crime no Brasil.

DICIONÁRIO DA GÍRIA DOS CRIMINOSOS NORDESTINOS

A

- ABAFAR — Furtar. "Abafar a banca", dominar a situação. Abafado, ter ódio concentrado, rancoroso.
- ABAIXADO — Passar abaixado, malandro em fuga precipitada. O mesmo que "passar despejado", "a oitão", "com a goitana", "com o raio da celebrina".
- ABARRANCADO — Malandro que domina o bairro.
- ABISCOITAR — Lucrar algumas sobras.
- ABRIR O BICO — Confessar o crime. Delatar.
- ABRIR O LIVRO — Injuriar.
- ACACHO — Embaraço.
- ACAGUETE — Malandro regenerado que denuncia os antigos companheiros.
- ACAMPANAR — Seguir alguém de longe para roubá-lo.
- ACANALHAR — Pôr o furto a perder.
- ACENDER OS FARÓIS — Oferecer dinheiro, arrotar prestígio.
- ACHACADOR — Policial que recebe peita.

- ACHACAR — Pedir dinheiro emprestado a gatunos, ou receber peita.
- ACHAR ALGUÉM — Surrá-lo.
- AÇO — O mesmo que "ferro", "folha", "unha", "lambe-deira" : arma branca.
- ADOQUIM — Ronda policial.
- ADUANA — Lugar seguro, onde se guardam objetos furtados. Também significa roupa feita.
- AFANAR — Furtar. "Afanar o mudo" : roubar objetos de igreja.
- AFERVENTADO — Sujeito precipitado, impulsivo, inconsiderado.
- AFIADO — Pronto para agir. O mesmo que "de bala na agulha".
- AFULEIMADO — Zangado, irritado.
- AGUA-QUE-PASSARINHO NÃO BEBE — Cachaça.
- AGUA MORNA — Pessoa excessivamente moderada. Abúlico. Também se diz "nem carne nem peixe", sem opinião.
- ÁGUIA — Pessoa astuciosa, inteligente, sagaz.
- AI ! — Exclamação equivalente a — como vai ?
- ALCIDES — Maricas.
- ALEGRE — Relógio de parede.
- ALEIJADO — Medroso, tímido, fraco.
- ALFINETE — "Bicuda", "estrepe" : faca de ponta.
- ALGUM — Dinheiro.
- ALINHADO — Correto, bem vestido, de boas maneiras.
- ALINHAVAR — Matar instantaneamente.
- ALIVIADO — Diz-se do que foi processado e ficou livre.
- ALIVIAR — Furtar.
- ALÍVIO — Advogado, defensor.
- ALTO DA SINAGOGA — Bregma.
- AMANA — Medalha pendente de uma corrente de relógio.
- AMARRA — Corrente de relógio.
- AMARRAÇÃO — Namôro.

AMARRADO — Sovinàs.

AMARRAR CACHORRO COM LINGUIÇA — Tomar providência inútil.

AMOLAR — Aborrecer.

AMOQUECAR-SE — Ficar de cócoras.

AMOSTREAS — Amostras de pequeno valor.

AMOSTREQUEIROS — Ladrões de amostras. O mesmo que "espiantadores".

AMPUTADO — Roubo interrompido.

AMUNHECAR — Enfraquecer, acovardar-se.

A NENHUM — Sem dinheiro algum.

ANDANTE — Perna

ANGÜ — Richa na qual intervêm muitas pessoas e da qual resulta grande confusão. "Angú de caroço": superlativo de angú.

ANGUZÔ — O mesmo que angú de caroço.

ANIMÁ — Corruptela de "animal", significa "égua".

ANJO — Ladrão franzino, delicado.

APARA-FACADA — Chapéo de apara-facada, chapéo velho, de abas caídas.

APERTADO QUE SÓ BURACO DE LANÇA-PERFUME — Aperto sério, difícil.

APITAR — Estar sem dinheiro.

APITAR NA CURVA — Moça casadoira que procura marido a todo custo.

APORRINHAR — Aborrecer.

A-QUE-INCHA — Cachaça.

ARABIAS — Das Arabias, finário, espertalhão.

ARCA-DE-NOÉ — Casa de Penhores

ARAME — Dinheiro.

ARAQUES — Objetos sem valor.

AREIADO — Tonto, sem direção.

ARMAS LEVES — Pequenos furtos.

ARRANJO — Negócio ilícito.

ARRASA — Glutão.

ARRASTÃO (Ir no) — Deixar-se enganar.

- ARRASTAR A MALA — Decepção.
 ARRASTA-PÉS — Dança familiar.
 ARRASTO — Rêde de arrasto — Mulher que aceita a côrte de qualquer um.
 ARREBENTADO — Quebrado, sem dinheiro, "liso".
 ARRIADO-CHORÃO — Namorado, apaixonado, piegas.
 ARRIBAR — Fugir.
 ASSASSINAR — Executar mal um serviço qualquer ou mesmo uma empresa criminosa.
 ASSINAR-O-PONTO — Conversar com a namorada.
 ASTEADOR — Tubo de borracha que os ladrões colocam nos ralos de esgôto prêso na extremidade por um arame, quando utilizam as galerias para roubar.
 A-TÔA — Mulher atôa, mulher pública.
 ATARRAXADO — Homem baixo, corpulento.
 ATRACAR — Aproximar-se da vítima por meio de subterfúgios, entretendo-a, enquanto o companheiro a assalta.
 ATRACO — Roubo com assalto nas estradas desertas.
 AUTÓPSIA — Furtar alguém que está caído sem sentidos ou morto.
 AVENTAR-SE — Zangar-se.
 AZEITADO — Bêbedo. É também uma locução interjectiva de admiração: "Que azeitado!" "que danado!"
 AZEITAR O EIXO DA TERRA — Vagabundar.
 AZULAR — O mesmo que "pisar no barro", "quebrar no beco", "bater as cambitas", "pirar", "celebrinar-se": fugir.

B

- BABABI DE ESPERANÇA — Surra de cacete.
 BABADO — Enamorado.
 BABAQUARA — Velho.
 BACALHÁU-DE-PORTA-DE-VENDA — Pessoa muito magra.
 BACANA — Mulher ou coisa boa.

- BACANO — Pessoa rica, sujeito que anda endinheirado e está em condições de ser roubado.
- BACO — Sujeito máo, perverso.
- BACHICHA — Estrangeiro.
- BACORINHA — Chapéo côco de estudante.
- BADEJO — Grande.
- BAGAROTE — Mil réis.
- BAGO — O mesmo que bagarote.
- BAGUNÇA — Confusão, conflito.
- BAILAR — Aceitar peita.
- BAILE — Descompostura. Dar um baile : descompor.
- BAITA — Grande, enorme.
- BÁLA — De-bala-na agulha, pronto para agir, alerta.
- BALACO-BACO — Esperto, malandro.
- BALAIO — Ser bom no balaio, o mesmo que bamba.
- BALANÇA — O mesmo que gafieira.
- BALIZA — Tira de papel que os ladrões colam, a desho-ras, de modo que alcance as duas folhas da porta de entrada de uma casa afim de saberem, pela ma-drugada, antes do assalto, se ela foi aberta pelos moradores. "O Baliza", guia que vai à frente dos cordões carnavalescos e maracatús.
- BALIZAR — Colocar a baliza na porta.
- BAMBA — Valente, hábil.
- BAMBO — Carambola feita por acaso no bilhar. Sucesso imprevisto.
- BANCAR — Simular posição ou atitude. Bancar o valente : simular valentia; "bancar sujeira" : trair, enganar. "Bancar o trouxa" : cair na esparrela, simular ingenuidade.
- BANCO-DE-CARA-DURA — Aquele, que, no bonde, fica em sentido inverso aos outros.
- BANCO-DE-LAVAR-ROUPA — Sujeito paciente de quem impunemente se abusa.. Bode expiatório.
- BANCO DESPREZADO — O último do bonde.
- BANDA — Fazer de banda — diz-se do gatuno que en-

- tretem alguém enquanto o outro lhe subtrai o relógio, carteira, etc. Sair de bandinha, esquivar-se.
- BANHEIRA — Automóvel velho, de formato desusado. Sofá grande.
- BANZÉ — Sarilho.
- BANZEIRO — Moleirão. Andar banzeiro, marcha incerta.
- BARBIANA — Amazia de confiança dos gatunos e que os não denuncia. O mesmo que Ninas.
- BARRIGA-P'R'O-AR (de) — Em decúbito dorsal.
- BARRO — Pisar no barro, fugir.
- BATATA — da perna (pantorrilha).
- BATE-BOCA — Discussão acalorada.
- BATENTE — Emprêgo, ir para o batente, ir para o emprêgo.
- BATER A BOTA — Morrer.
- BATER CATOLÉ — Arma que falha ou mente fogo.
- BATER O JUSTO — Dizer a verdade.
- BATER O TRINTA E UM — Morrer.
- BATER SUJO — Denunciar, revelar o que compromete outro. Envergonhar alguém.
- BATIDA — Pesquisa.
- BATRÁQUIO — Pessoa desageitada.
- BATUTA — Campeão, o que dirige um roubo, chefe de quadrilha de ladrões. Chefe hábil. O mesmo que "bicho cotuba".
- BECO — "Desocupe o beco", saída.
- BEIÇO (Dar o) — Não pagar as despesas. Contraír uma dívida sem intenção de pagá-la. Faltar a um pagamento. Equivale a "passar calote".
- BEIÇO (Estar pelo) — Estar enamorado, apaixonado.
- BEIÇO de Baixo — Lábio inferior.
- BEIÇO DE CIMA — Lábio superior.
- BENGALA — Namorado de baixa estatura.
- BERÇO — Cama de adulto.

- BERÇO DE PAU — O mesmo que na "pindaíba", estar sem dinheiro.
- BERRANTE — Revólver.
- BESTEIRA — Parvoíce.
- BESTIALÓGICO — Discurso asnático.
- BESTIDADE — O mesmo que "besteira".
- BICADA — Libação, "grogue".
- BICHÃO — Homem forte, valentão.
- BICHO — Homem de quem se diz mal. Homem forte e valente — "Bichaço": homem importante.
- BICHO CACAU DA FOLHA MIÛDA — Valente de raça, espadaúdo, alto, corpulento.
- BICUDA — Faca de ponta.
- BIGODE DE SOPA — Bigode caído que entra pela boca.
- BIGÜ — Passageiro que não paga o transporte.
- BITÁCULA — Boca.
- BLUSA FRANCA — Farófia.
- BOBO — Relógio.
- BOÇA DE ARRAIA — Boca de grande abertura. Pessoa muito faladeira e leviana nas suas impressões.
- BOCA DO ESTÔMAGO — Cárdio, abertura pela qual o estômago se comunica com o esôfago.
- BOCA DE PRAGA — Diz-se de quem faz previsões certas, renunciando consequências desagradáveis.
- BOCA DE SEPULTURA — Pessoa que tem mau hálito.
- BOCA DE SINO — Calça que se alarga junto dos sapatos.
- BOCA DE SÔIA — Boca torta.
- BOCHECHA DE ALUMÍNIO — Face rígida, pergaminhada.
- BOCÓRIO — Ameaças que ficam em palavras.
- BODE — Protestante.
- BOFE — Pulmão.
- BOLA — Dinheiro com que se peitam os funcionários. "Dar bola": envenenar cães ou comprar autoridades.
- BONDE — Emprêgo que admite grande número de pessoas.

- BONITA-QUE-DEUS-A-LIVRE! — Interjeição equivalente a "que cara"!
- BORDADO — Xadrez, cadeia.
- BORGA — Troça.
- BRANQUINHA — Cachaça.
- BRISA — "Na brisa": sem dinheiro.
- BROMAR — Fracassar.
- BODUM — Mão cheiro.
- BURRO (a) — Muito grande, enorme.

C

- CABEÇA CHEIA DE AZIA — Pessoa maliciosa, que vive a conjeturar maldades.
- CABEÇA-DE-DEDO — Falangeta.
- CABELO — Serra de metal própria para arrombar móveis delicados. "Cabelo de fogo": ruivo; "cabelo de ondas curtas": cabelo cacheado, de mulato; "cabelo de porco espinho": cabelo rijo, espetado; "cabelo mal com Deus"; "cabelo não vou porque não quero": trunfa de cabelos que segue direção oposta à da cabeleira e não obedece ao penteado.
- CABIDE VESTIDO — Mulher esquelética.
- CABOCLO — Tratamento íntimo, amável: "caboclo, vem cá". Amigo, camarada.
- CABOGE — Valdevinos.
- CABRA — Mulato de retôrno a branco. "Um cabra": capanga. "Cabra de peia", homem desbriado a quem se aplica castigo físico. "Cabra laranja", mestiço albino. "Cabra safado", homem desclassificado. "Cabra escovado": sujeito esperto, atilado. "Cabra bom": capanga valente, temerário. "Cabra macho": valentão.
- CABREIRO — Velhaco.
- CABULOSO — Jettatori (manhoso).
- CABROEIRA — Grupo de sicários às ordens de um fazen-

deiro, ou chefe político sertanejo. Ralé, gente de ínfima condição, em que a mestiçagem é generalizada.

CACÁ — Caduco.

CACHAÇO — Parte posterior do pescoço. O mesmo que "Cangote", corrutela de cogote.

CACHIMBO — Cachaça misturada com mel de abelha.

CACHITO — Cavalo cujo pêlo é preto acinzentado.

CACHORRO — Cédula de cinco mil réis. "Cachorro quente": sanduiche de salsicha com tomates, cebola e outros temperos. Penteado enrolado sôbre a testa. "Amarrar cachorro com linguiça": adotar providência contraproducente ao fim que se tem em vista.

CADEIRAS (as) — Quadrís.

CAFANGA — Negaça, finta.

CAFÉ PEQUENO — Coisa fácil, nonada.

CAFUÇÜ — Indivíduo inhábil, desastrado. **Chauffeur** imperito, aprendiz.

CAFUNDÓ — Lugar ermo e distante. "Cafundó de Judas": a mesma significação mais acentuada.

CAÍR — "Cair fóra": retirar-se; "Cair nágua", "Cair no mangue": fugir. "Cair na zona": entrar na má vida.

CAIXA D'ÁGUA — Beberrão.

CAIXA DO CATARRO — Tórax.

CAIXA DOS PEITOS — Tórax.

CAIXA-PREGO — Lugar muito distante.

CAJÜ-DE-BEIRA-DE-CAMINHO — Mulher que se oferece.

CALCANTE — "Pé no calcante": ir a pé.

CALOSA — Navalha.

CALUNGA — Auxiliar de carga dos caminhões, inativo durante a viagem, o qual viaja sôbre as caixas ou fardos.

CAMBETA ou ZAMBETA — De pernas tortas.

- CAMBITOS — "Bater os cambitos" o mesmo que azular, fugir.
- CAMPANA — Batida ou perseguição policial.
- CAMPANHA — Um qualquer.
- CAMISOLIM — Retirar qualquer coisa do bolso da vítima.
- CANA — Prisão, cachaça.
- CANEADO — Prêso, bebedo.
- CANELA — Tíbia.
- CANELADA — Pancada na canela.
- CANELÃO — Idem.
- CANETA — Instrumento de arrombador que serve para retirar a chave, fazendo-a cair para o lado de dentro.
- CANGA — Prisão. "Dar a canga : prender" Obrigação dura de cumprir. Dominio sôbre alguém.
- CANGACEIRO — Ladrão de estrada, no sertão.
- CANGAÇO — Bando de malfeitores. "Entrar no cangaço", engajar-se num bando.
- CANGALHA — Deformação das pernas em arco aberto sôbre a linha mediana do corpo.
- CANASTRA — Diligência policial.
- CANJA — Empresa fácil e proveitosa.
- CANJICA — Idem. "Meter fogo na canjica" : agitar, tumultuar.
- CANOA — Grupo de autoridades à procura de suspeitos. Prisão em massa.
- CANTANTE — Adversário cujo nome se ignora.
- CANUDO — Engano. Lôgro. "Levar canudo", ser enganado. Na gíria acadêmica significa carta de bacharel ou médico.
- CAPIONGO — Triste.
- CAPOEIRA — Maneira especial de lutar, com ou sem armas. Homem prático nêsse processo de luta.
- CARA — "Um cara", um desconhecido. "Cara de anjo papudo", alcoólatra, com edema da face, pessoa de rosto carnudo e redondo. "Cara de boi" : sujeito

feito; "Cara de mamão macho" : rosto muito comprido; "Cara de fuínha" : prognata de face pequena, estreita e saliente. "Cara de pau" : homem de rosto escarnado, fisionomia dura e parada. "Fiquei com cara de pau" : fiquei morto de vergonha. "Cara de poucos amigos" : pessoa antipática. "Cara de tamanco" : pessoa de queixo quadrado. "Cara de tijolo" : rosto vermelho. "Cara de reu" : sujeito mal encarado. "Cara-dura" : o primeiro banco dos bondes, em sentido contrário aos demais.

CARA-CARÁ — Conquistador. Don Juan.

CARETA — Ação de abafar a vítima, a-fim-de que não não grite.

CARDEAL-A-QUATRO — Soldado de cavalaria.

CARDEAL RASTEIRO — Soldado de polícia.

CARGA — A justiça. "Fazer carga" : depor contra o réu.

CARIDADE — Latrocínio. "Fazer caridade" : matar.

CARONA — "Ir de carona" : de graça, sem pagar.

CARRASPANA — Bebedeira. "Curtir a carraspana" : o mesmo que ressaca.

CARROÇA — Pessoa de compreensão lenta, obtusa.

CARTEADOR — Malandro perito em trapaças no jôgo de cartas.

CATA-PIOLHOS — Dedo polegar.

CATATAU — Cilada nos interrogatórios. "Caír em cata-táu do bari" : comprometer-se nas respostas ao Juiz. Também se emprega como sinônimo de "espôrro", baile, descompostura.

CATITA — Camondongo. "Catitas me roam" : impreciação semelhante a "raios me partam".

CATOTA — Catarro sêco prêso às narinas.

CAVALO DO CÃO — Homem insolente. "Meter-se a cavalo do cão" : fazer arruaças.

CAVAR — Arranjar dinheiro de qualquer forma.

CAVEIRA — Face.

CELEBRINA — Carreira, fuga.

- CELEBRINAR-SE — Evadir-se, fugir.
- CENTENÁRIO — Moedas de 1\$000 e 2\$000 (cunhadas no centenário da Independência).
- CHÁCARA — Casa de detenção.
- CHARUTO — Cachaça misturada com vinho tinto.
- CHATERRIMO — Superlativo de chato.
- CHATO — Pessoa impertinente.
- CHAVASCADA — Pancada.
- CHEIRO DE HUMANIDADE — Odor que se desprende de um ambiente onde se comprime muita gente.
- CHEN-NHEN-NHEN — Baile reles.
- CHINA — Prostituta de baixa espécie.
- CHINICAR — Embirrar.
- CHISPAR — Fugir rapidamente.
- CHOCAR — Acovardar-se.
- CHOCORRO — Coito de malfeitores.
- CHÔRO BAIXO — O mesmo que "conversa mole p'ra boi dormir".
- CHOVER NO MOLHADO — Revelar o que todos já sabem ou meter-se a fazer o que já está feito.
- CHUMBADO — Meio embriagado. Baleado.
- CHUVA — Gazua. "Estar na chuva", estar embriagado. "Tira o cavalo da chuva": convite a algum para que confesse seu erro.
- CISCANTE — Galinha.
- CISCAR — Ameaçar a todos indistintamente. "Cair ciscando": cair ferido em convulsões ou nos estertores da morte.
- CISMAR — Desconfiar.
- COCADA — Cabeçada de capoeiragem.
- CÔCO — Cabeça. O mesmo que "quengo". Dança semelhante ao samba.
- COCOROTE — Pancada na cabeça com o nó dos dedos.
- COCORUTA — Parte mais alta da cabeça (vertex).
- COELHO — Cedula de 10\$000.
- COIRANA — Ciume. "Roer a coirana", estar enciumado.

- COITEIRO — Encobridor de malfeitores.
- COLAR — Corda de nó corrediço, com que os ladrões amarram as suas vítimas pelo pescoço.
- COMER — "Comeu na gamela", diz-se da noiva se chove no dia do casamento. "Come na gamela", funcionário venal.
- COMÉRCIO (fechar) — Acontecimento notável.
- COMIGO É NOVE — Expressão de desafio, bravata.
- CONTEMBLA — Prostituta.
- CONTO — Estelionato. "Conto do tio", "Conto do vigário", estelionato em que o ofendido também é desonesto.
- CONTRA-VAPOR — Contra-golpe.
- CONVENTO — Casa de detenção.
- CONVERSA — Mentira — "Conversa mole p'ra boi dormir" e "conversa fiado" : tapiação.
- COR-DE-BURRO-QUANDO-FOGE — Cor indecisa, indefinível.
- CORPO — "Tirar o corpo", "negar o corpo", livrar-se, a tempo, de uma situação perigosa, "Corpo fechado", arruaceiro supostamente invulnerável, em virtude de certas práticas supersticiosas.
- CORTAR — "Cortar bonde ou automóvel", passar com um veículo na frente do outro. "Cortar jaca", lisonjear os poderosos. "Corta-jaca" : adulator.
- COSER — Apunhalar.
- COZINHEIRA — "Cozinheira de forno e fogão", cosinheira inteiramente senhora do seu ofício.
- COTARRA — Tasca, taberna.
- COTÓ — Perneta ou maneta. Animal sem rabo. Para esta última acepção usa-se também "surú".
- COURO — Pele, "Couro da cabeça", couro cabeludo. "Couro da barriga", parede abdominal.
- COVA DA ONÇA — Depressão correspondente ao nó vital.
- CRÂNICO — O mesmo que "Crâneo".

- CRÂNIO — Sujeito atilado, inteligentíssimo.
- CRISTALEIRA — Bonde fechado que vai a reboque dos carros motores, cujo interior é pintado de azul claro e muito iluminado. Chamam-no também de "Maria bonita".
- CRUZES (as) — Região do corpo humano que corresponde ao ponto de cruzamento da linha de altura com a de envergadura.
- CUIA — "Cuia dos quiabos", cofre, mealheiro, carteira. "Dar na cuia dos quiabos", acertar a manobra e furtar. "Bulir na cuia dos quiabos", ter prejuízo, fazer despesas consideráveis.
- CURADO DE COBRA — Pessoa imunizada contra a adversidade.

— D —

- DANSA DE RATOS — Confusão, balbúrdia.
- DAR — "Dar o gato", apreender. "Dar cabo a machado", fornecer pretexto a autoridade ou a adversário. "Dar na pedra", topar com algum obstáculo intransponível. "Dar de gambias", fugir. "Dar na fina", perceber a intenção oculta do inimigo.
- DEBOCHAR — O mesmo que debicar.
- DEBOCHE — Ato de debochar.
- DEGAS — A pessoa que fala, quando se dá importância ou se inculca ao apreço e consideração dos presentes. "Cá o degas não vai no arrastão", etc.
- DEGRINGOLADA — Derrocada.
- DEGRINGOLAR — Derrocar. Destruição completa de um plano ou de uma empresa.
- DESCONVERSAR — Evitar o assunto em foco, referindo-se a outro muito diferente. "Se o delegado te pedir informação, desconversa".
- DESPARAFUZAR — Descomedir-se. (O pronome é sempre anteposto).

DEZ P'R'AS DUAS — Andar de pés abertos em ângulo agudo sobre a linha mediana do corpo.

DIA DE SÃO NUNCA — Nunca, em tempo algum.

DOBRADIÇA — Passo do frevo em que o dansarino se curva para a frente e para traz, em movimento semelhante ao de uma porta de vai-e-vem.

DOBRE A LÍNGUA — Intimação feita a alguém para que fale respeitosamente ao seu interlocutor ou se refira em bons termos a terceiro.

DOIDELO — Lunático.

DOLERO — Bem vestido, bem posto.

DORMÊNCIA — Entorpecimento, quasi insensibilidade de alguma parte do corpo.

DOIS DEDOS — Porção de cachaça que dá para uma libação. "Dois dedos na cabeça", embriagado.

DROGA — Coisa imprestável. "Isso é uma droga", isso não presta.

— E —

ELEMENTO — Mulher de má vida.

EMBANDEIRAR — Enganar. Embandeirar-se em arco, alegrar-se.

EMBARAFUSTAR-SE — Confundir-se com a multidão, esconder-se entre caixotes e situações semelhantes em que o fugitivo não pode ser divulgado pela afluência de pessoas ou muitos obstáculos.

EMBEIÇADO — Enamorado, enfeitado.

EMBELCES — Dificuldades, obstáculos (Não tem singular)

EMBELECO — Dificuldade.

EMBILOCADO — Acoitado, homisiado em lugar seguro.

EMBIRA — Cadeia. Metêr na embira, prender.

EMBIRRAÇA — Prevenção, teiró.

EMBROMAÇÃO — Ação de embromar.

EMBROMAR — Fugir ao assunto, tratando de outros que não têm conexão com êle.

- EMBRULHADO — Estar atrapalhado, sobretudo com a polícia ou a justiça. Enganado.
- EMBRULHO — Caso difícil. "Ir no embrulho", ser enganado.
- EMBUCHADO — Homem rancoroso, ódio no coração.
- EMPANCAR — Esbarrar em algum obstáculo. Diz-se do automóvel que se desarranja ou do animal que acúa.
- EMPELICADO — Afortunado. "Nascer empelicado", nascer sob o signo de boa sorte.
- EMPOMBAR — Embirrar.
- ENCABULAR — Acanhar-se.
- ENCAIPORAR — Estar de má sorte.
- ENCHER LINGUIÇA — Falar sobre assunto diverso daquele que se tem em vista.
- ENCRENCA — Atrapalhação, dificuldade.
- ENFESTAR — Roubar na medida.
- ENFIAR ÁGUA — Vagabundar.
- ENGANGENTO — Zeloso de qualquer coisa, ciumento.
- ENGICAR — Enfezar-se.
- ENGUIÇAR — Desarranjar-se o automóvel ou o bonde.
- ENRABIXAR-SE — Ficar prêsos aos encantos de uma mulher.
- ENRASQUE — O mesmo que encrenca, mas referindo-se especialmente a dificuldades com a polícia, com inimigo ou pessoas influentes.
- ENRUSTE — Ato de esconder o objeto roubado.
- ENRUSTIDOR — Receptador ou encobridor de furtos e roubos.
- ENTALADELA — O mesmo que encrenca.
- ENTERRAR OS PÉS — Saltar com agilidade e prontidão no momento em que a luta se inicia.
- ERRADO — Homem desageitado.
- ESBORRACHAR-SE — Cair em cheio.
- ESBREGUE — Repreensão violenta.
- ESCABRIAR — Desconfiar, suspeitar, estar em guarda.

- ESCOVADO — Criminoso esperto, fértil em expedientes.
- ESCRACHADO — Identificado.
- ESCRACHISTA — Fotógrafo da polícia.
- ESCRACHO — Retrato tirado no Gabinete de Identificação.
- ESCRITO E ESCARRADO — Diz de quem se parece com outro a ponto de ser confundido.
- ESCRUNCHANTE — Arrombador de cofres.
- ESCRUNCHAR — Arrombar cofres.
- ESCULHAMBAR — Ridicularizar alguém. "Esculhambado", homem que não se dá a respeito.
- ESFOGUETEAR — Andar a esmo pelas ruas, nas lojas.
- ESPADISTA — Ladrão com gazuá.
- ESPALHAR-SE — Sacar as armas e desafiar meio mundo.
- ESPANADOR DA LUA — Homem muito alto e magríssimo.
- ESPARRAME — Desabafo.
- ESPARROS — Auxiliares dos gatunos que entretêm o ofendido conversando.
- ESPERNEIO — Desabafo.
- ESPIANTADOR — Quem é especialista em furtar amostras.
- ESPICHADO — Morto.
- ESPIGA — Dificuldade, máo negócio.
- ESPIANTAR-SE — Fugir.
- ESPINHELA — **Sternum**. Espinhela caída, moléstia imaginária, que se cura por meio de benzeduras.
- ESPINHO — Punhal.
- ESPÍRITO MORTO — Homem ábulico, apático.
- ESPIRITO-DE-PORCO — Sujeito de mentalidade apoucada ou de má índole.
- ESPONJA — Beberrão.
- ESPORRENTO — Pessoa irascível, agressiva, descomedida na linguagem.
- ESTABANADO — Impulsivo.
- ESTADO MAIOR — Cadeia.

- ESTALEIRO — Estar no estaleiro, estar doente.
- ESTAR — "pronto", "nas taboas de Moisés", "esbrunque", "na praia", "pelado" ou "liso", significa estar sem dinheiro; "estar na pinga", estar bêbedo.
- ESTICAR A CANELA — Morrer.
- ESTOURADO — Impulsivo.
- ESTRANJA — Um estranja, um estrangeiro; da estranja, do estrangeiro.
- ESTREPAR-SE — Encontrar um inimigo que se supunha fraco, mas reage violentamente. Presumir fácil uma empresa criminosa e sair-se mal.
- ESTREPE — Armadilha com instrumentos ponteagudos para ferir ladrões à noite nos quintais ou plantações. Qualquer arma perfurante.
- ESTRILO — Protesto violento. Reclamação furibunda.
- ESTRIPOLIA — Arruaça, crime.
- ESTRUQUE — "Estar estruque", estar sem dinheiro.

— F —

- FACADA — Ato de pedir dinheiro emprestado com intenção de não saldar o débito.
- FACHADA — Rosto.
- FAISCAR — Enfurecer-se.
- FALA — Conversa. "Dar as falas", iniciar a conversa.
- FALANTE — Advogado criminal.
- FANDANGO — Sarilho, rixa.
- FAROFA — Fala ou discurso exagerado.
- FAROFEIRO — Gabolas.
- FAROFENTO — O mesmo que farofeiro.
- FAROL — Simular grandeza, influência, competência.
- FARRA — Orgia.
- FECHA-FECHA — Motim.
- FEDOR DE DEFUNTO — Assunto ou situação perigosa. "Brinquedo de homem fede a defunto", é um anexim.

- FAZER A BARBA — Expoliar alguém.
- FERRO — Arma branca, especialmente punhal ou faca de ponta. **Ferro de ventana**, arame que sem ruído levanta as **aldabras** das janelas e portas.
- FESINHA — (fazer uma) Jogar no bicho.
- FICAR — “Na mão”, perder a oportunidade. “Ficar de tanga”, arruinar-se; “ficar na pedra”, sem recursos; “ficar fulo”, “ficar no aço”, encolerizar-se.
- FILAR — Furtar. Na gíria acadêmica significa copiar (colar) as provas.
- FITA — (fazer) — Simular, cavilar.
- FIVELA — Na ou em cima da fivela, replicar em ato contínuo, “na bucha”.
- FOBÓ — Reles.
- FOCINHO — Rosto ou nariz.
- FOGO — Revólver. “Fogo apagado”, pessoa sem ânimo, sem energia.
- FOLHA — Faca de ponta.
- FÓRA — (dar o) Fugir do perigo ou da polícia, abandonar a namorada.
- FÔRRA — Desforra.
- FORRAR-SE — Desforrar-se, desforçar-se.
- FRAGOSA — Aproximação do dono da casa ou da polícia no momento do delito.
- FRAJOLA — Pedante.
- FRANGA — Menina logo que entra na puberdade.
- FRANGOTE — Masculino de franga.
- FRÉGE — Restaurante de baixa espécie. Também significa conflito generalizado e confuso.
- FREVO — Dança carnavalesca. Rixa.
- FRICOTE — Brincadeira cacete.
- FRITO — (estar) — Estar perdido.
- FRONTESPÍCIO — Testa.
- FUÇAS — As fuças, o nariz, as narinas.
- FUL — Falso policial.
- FULEIRO — Malandro **FULEIRO**, *infiável mas jactancioso.*

- FULERAGEM — Senvergonhice.
 FUMANDO NUMA TELHA — Furioso.
 FUNDURAS — Meter-se em funduras, negócio difícil, complicado, perigoso.
 FURÃO — Homem que atravessa com êxito todas as dificuldades.
 FURDUNÇO — Pagodeira.
 FURRECA — Tipo reles, desclassificado.

— G —

- GADO — Mulheres de vida fácil.
 GAFEIRA — Gente muito ordinária.
 GAFIEIRA — Baile reles, ordinário.
 GAIOLA — Prisão.
 GAITA — (estar na) — Estar sem dinheiro; furto de carteira.
 GALALAU — Homem alto.
 GALÉA — Passageiro que não paga o transporte. Galear: transportar-se sem pagar a passagem.
 GÁLICO — Sífilis.
 GALINHA — Pessoa medrosa que foge. "Galinha morta": coisa fácil.
 GALINHEIRO — Carro de conduzir presos.
 GALO — Cincoenta mil réis. "Comendo um galo": furioso.
 GALO DURO — Situação difícil.
 GAMBAR A ZONA — Passeiar pela zona do meretrício.
 GAMELA — Comer na gamela, diz-se da noiva se chove no dia do casamento. "Come na minha gamela", está subornado por quem fala.
 GANCHO — Estar no gancho, estar prêso. Também se diz do que está penhorado.
 GANDAIA — Na vida, vagabundagem; "cair na gandaia".
 GANDULA — Menor vagabundo.
 GANGORRA — Aparelho ou solenidade desageitada.

- GANSA — (estar com a) Sem dinheiro.
- GARGANTA — Sujeito que fala muito e age pouco.
- GASEAR — Não ir ao trabalho ou a aula.
- GASGUITA — Mulher faladeira de voz fina.
- GATA — Mofino, covarde.
- GATO — Prostituta. "Dar o gato", agarrar, prender.
- GERINGONÇA — Maquinismo mal ajustado.
- GIBA — Casado.
- GIRA — Amalucado, desequilibrado.
- GIRIBITA — Cachaça.
- GÓGA — Presunção de valentia ou influência. Bravata.
- GOLAR — Encabular.
- GORGOMINHO — Traquéia.
- GOSMADO — Discurso, brinde.
- GRANA — Dinheiro.
- GRADES — Presídio.
- GRÃ-FINO — Sujeito de alta roda.
- GRANFO — Idem.
- GRANGAZÁ — Homem agigantado.
- GRAVATA — Passar o braço em torno do pescoço da vítima. Situação difícil, intriga.
- GRAVATEIRO — Quem habitualmente cria dificuldades aos outros ou é intrigante.
- GRELHA — Cavalo magro.
- GRINGO — Estrangeiro, sirio de preferência.
- GRILO — Ato de bater a carteira do bolso das calças. Inspetor de veículos, guarda-noturno.
- GÔGO — Minhoca.
- GOGÓ — Pomo de Adão.
- GOITANA — (com a) Fuga a todo pano.
- GOLPE (não é) — Não há vantagem.
- GOMA — "Farol"; vantagem; mentira.
- GOSMA — Fala complicada, palavras inúteis e empoladas.
- GOSTO DE CABO DE CHAPÉU DE SOL DE PARTEIRA NA BOCA (está com) — Mal estar que sucede à bebedeira.

- GOROROBA — Comida de soldádo. Comida ruim.
 GRUDAR-SE — Atracar-se com o adversário na luta.
 GUAIAMUM — Ponta de cigarro ou charuto.
 GUEBA — "Pitú", engano.
 GUELA — Ladrão muito franzino que passa por pequenas aberturas. Homem ambicioso. Funcionário desonesto que habitualmente recebe peita.
 GUENZO — Raquíto.
 GUINDADO — Indivíduo que foi prêso. "Levou a cana".
 GUINDAR — Prender.
 GUINDASTE — Corda cheia de nó para escalar paredes e muros.
 GUNGA — Ladrão libidinoso.
 GURIA — Menina espevitada.

— H —

- HERVA — Dinheiro.
 HOMÃO — Homenzarrão.
 HORIZONTAL — Prostituta (pouco usado).

— I —

- IMPRESADO — que só rolha de garrafa. Apanhado em flagrante sem saída possível. Situação perdida e irremediável.
 INÁCIA — Prisão. "Levar a Inácia", sofrer cadeia.
 INANA — Conflito.
 INANIMADO — Ladrão medroso.
 INCHAR — Ouvir, irado, mas sem responder.
 INXERIDO — Intrometido.
 INHANHA — (estar na inhanha) Estar em más condições.
 INSTALAÇÃO TROCADA — Estrabismo.
 INTRUJÃO — Receptador que compra habitualmente objetos furtados.
 INVULNERÁVEL — Gazúa.

- INZONA — Supertição.
INZONEIRO — Supercioso.
IR — (no embrulho) — Deixar-se enganar; para o país dos pés juntos, morrer.
IZIDORO — (por conta do) De graça, sem pagar a passagem ou o consumo.

— J —

- JAMEGÃO — Assinatura.
JINGAR — Andar bamboleando.
JOÃO GALAMARTE — Trapezio. Aguentar-se no João Galamarte, suportar os embates.
JOÃO MEIA DUZIA — Revólver.
JOÃO NINGUEM — Pessoa sem eira nem beira.
JOÇA — Causa mal feita, aparelho desarranjado.
JUIZ — Presidiário que serve de carcereiro aos demais.
JUIZA — Detenta que dirige as outras.
JURAR — Ameaçar de vingança.
JURURÜ — Pessoa triste, bisonha, arredia.
JUSTA — Cadeia.

— L —

- LÃ — Fino como lã de cágado, diz-se das cousas imaginárias que realmente não existem.
LAMBAIA — Ação de furtar a carteira do bolso da calça do seu possuidor.
LAMBAIO — Ladrão franzino.
LAMBANÇA — Discussão, rixa.
LAMBEDEIRA — Faca de ponta e de marinhoiro.
LAMBISGOIA — Mulher alta e magra.
LAMPANHA — (passar a) Tirar todo o dinheiro de outrem.
LANÇA — Consiste em introduzir o gatuno dois dedos, o

polegar e o index, no bolso dos incáutos para furtar.

LANCETA — O mesmo que lança.

LAPADA — Pancada. Libação.

LATA — Rosto.

LATOS — Menores ladrões, ladrões afeminados.

LAVAGEM — Reprimenda em regra.

LEBRE — Corrente de relógio (Medalha pendente de)

LÊLÊ — Maluco.

LENÇO — Cacete.

LENHA — Surra. "Entrar na lenha", ser esbordado.

LESEIRA — Abstrato. Maluco.

LESO — Amalucado.

LICHADO — Homem esperto, que se sai bem de todas as situações difíceis.

LILI — Feitiço, caipora.

LIMPAR — Furtar tudo o que encontrar no local do crime.

LORE — Bonde de 2.^a classe.

LORÓ — Ladrão covarde que, por nada, delata os companheiros de crime.

LOROTA — Mentira, gabolice, pabulagem.

LOURO — Soldado de polícia.

LUCEVES — Agente de polícia subornável.

LUNFAS — Aprendiz de gatunagem.

LUNES — Ladrões que se fazem passar por investigadores.

LUXOS — Negaças, "cafongas", simular desprezo, esquivança.

— M —

MACACA — Chicote. "Entrar na macaca", ser esbordado.

MACACHEIRA — Ir a mulher na ponta do passeio e o marido na linha das casas.

MACACÔA — Doença crônica.

MÃE CARINHOSA — Ambulância da Assistência Pública.

- MAGRELO — Magro.
- MAMATA — Lucro ou vantagem fácil e ilícita.
- MÃO — (estar na) Desemprego.
- MANCAR — Seguir alguém.
- MADRUGUISTA — Gatuno especializado em furtar de madrugada.
- MAJORENGO — Delegado de Polícia. **Majorengo mincho**, chefe do serviço de investigações; **majorengo-mór**, Chefe de Polícia.
- MALDITA ou MARDITA — Erisipela.
- MALUCO DO PÃO — Desatento, abstrato, distraído.
- MALENGO — Parceiro.
- MAMÃESADA — Condescendência excessiva.
- MANÉ-GOSTOSO — Boneco de engonço; pessoa influenciada ou dirigida por outrem.
- MANICHUPA — Soldado de polícia.
- MANISTROPE — Comida grosseira, mal preparada, indigesta.
- MARRECO — Corcunda.
- MANO — Companheiro, amigo.
- MANZANZA — Preguiçoso, lento, demorado.
- MARAFONA — Prostituta velha que dirige prostíbulo.
- MARINHEIRO D'AGUA DOCE — Imperito no ofício. Pessoa que simula habilitação em certo ofício.
- MARIA BOSTOQUE — Causa de má qualidade.
- MARIA VAI COM OS OUTROS — Pessoa dirigível, abúlica, irresoluta.
- MARRAFA — Meretriz.
- MARCAR — Ter alguém de olho.
- MARCAÇÃO — Suspeita da polícia contra alguém.
- MARRETA — Cacete.
- MARROCA — Corrente de relógio.
- MARROCO — Pão velho.
- MATANÇA — Trapaça. O juiz (de foot-ball) está na matança, o juiz é parcial. Isso é matança, há trapaça no caso.

- MATERIA — Pús.
- MATUTAR — Meditar.
- MEIA CARA — De meia cara, sem pagar.
- MEIA LUA — Desviar-se repentinamente, em ângulo reto, na luta à faca.
- MEIO LITRO — Pessoa baixa.
- MEL DE PAU — Mel de abelha.
- MELA — (estar na mela) Estar sem dinheiro.
- MELADO — Cavallo baio. Diz-se também de quem bebeu com demasia.
- MELODIAS — Rixa, sarrilho.
- MICHA — Cedula falsa.
- MICHO — Homem sem dinheiro.
- MIL E UM — Diz-se de quem só tem os dentes caninos, faltando os incisivos.
- MILHO — Dinheiro.
- MARIAS — Amásia de ladrão.
- MILONGA — Conto fantástico, irreal.
- MILRAS — Mil réis.
- MINCHARIA — Amostras.
- MINESTRA — O mesmo que **marias**.
- MINISTRO — Pirú.
- MINISTREIRO — Ladrão de galinhas.
- MINGÁU DAS ALMAS — Saliva, ao amanhecer.
- MIUÇALHA — Gente baixa, a ralé.
- MOÇO BONITO — Gatuno elegante que convive na alta roda e furta as damas nos salões.
- MOLE — "Cousa mole", objeto adquirido por meios criminosos.
- MOLENGO — Fraco, sem ânimo.
- MOLHO — Exagêro, ou aumento da realidade na conversação.
- MONDÉ — Armadilha.
- MORCEGAR — Tomar o bonde no estribo.
- MORCÊGO — Quem vai pendurado no estribo dos bondes.
- MORDER — Pedir dinheiro emprestado.

- MORDEDOR — Pessoa que habitualmente pede aos amigos pequenas quantias.
- MOSQUEIRO — Café mal instalado, sujo, de última categoria.
- MOSTRAR A FÔRÇA DOS PASTEIS — Dar provas de coragem ou influência.
- MUAMBA — Negócio ilícito.
- MUCUFA — Covarde.
- MULHER DE CABELO NA VENTA — Mulher insolente, atrevida.
- MUNDO — O mundo, assim chamam os presidiários a vida livre.
- MUCHOCHO ou MUXOXO — Estalo com a língua nos dentes: significa repulsa, desdem.
- MÚSICA — O mesmo que gaita. Diz-se também das invenções criadas pelos malandros para enganar os incáutos. "A sua música não entôa". Equivale a "Não creio no que você me diz".

— N —

- Naifar — Furtar.
- NARCISOS — Menores que furtam por conta própria.
- NARIZ DE PAPAGAIO — Nariz muito grande, curvo e saliente.
- NARIZ DE TOCANO — O mesmo que nariz de papagaio, não recurvado.
- NATURAL DE BOM GÊNIO — Pacífico, que não se irrita haja o que houver. Marido condescendente.
- NAUFRAGADO — Pessoa que perdeu o emprêgo e está sem recursos.
- NAUFRAGAR — Perder a partida.
- NEGAÇA — Golpe de defesa na capoeira.
- NEGRADA — Pessoal da **gandaia**, parceiros de quem fala.
- NERES DE BODOQUE — Nada.

NERES DE TUPINIQUIM — Quem está sem dinheiro algum.

NIBAS TUPINIBÁS — Nada.

NICA — Dengo. Sensibilidade exagerada.

NÓ DOS DEDOS — Articulação das falanges.

NO DURO — A rigor, sem condescendência.

NÓ DA ESPINHA — Vértebras.

NUNCARAS! — Negativa enfática, corresponde a nunca!

NUVEM — Agente de polícia.

— O —

OITO — "A oito", fugir apressadamente.

"OLHO DE BOI" — Olho grande e saliente.

OLHO DE CABRA MORTA — Iris voltada para cima.

OLHO DE GATO LADRÃO — Tipo de olhar suspeito.

OLHO DE PITOMBA LAMBIDA — Olho esgazeado.

OLHO DA RUA — Despedida.

OLHO DE SÉCA PIMENTA — Jetatori.

ONÇA — Jôgo da onça, espécie de jôgo de damas.

OPERAR — Furtar e roubar.

ORELHA DE ABANO — Orelhas em forma de azas.

OTA — Papalvo, ingênuo, o mesmo que pato e otário.

OTARIO — Ingênuo, tôlo, que se deixa furtar sem dificuldade.

OSSO — Causa imprestável. "Osso duro de roer", homem forte e enérgico.

— P —

PÁ — Espádua.

PACA — Sujeito ingênuo, que se deixa furtar com facilidade.

PACOTE — Dinheiro.

PAI DE TERREIRO — Galo.

PALITO — Palitó.

- PALMA DA MÃO — Região palmar.
- PAMPARRA — Muito grande.
- PANCADA-NA-CABEÇA — Contratempo que transtorna todos os planos. Manobra certa e decisiva contra o adversário.
- PANOS — Roupa nova. "Metido nos panos", bem vestido.
- PAPAGAIO ! — Interjeição equivalente a Oh !
- PAPAI'-GRANDE — Chefe em geral, Chefe de Polícia.
- PAPO — A papada. "De papo p'r'o ar", em decúbito dorsal; "de papo p'ra baixo", de bruços. "Estar no papo", partida ganha, resultado que de ante-mão se conhece e é seguro.
- PA-PÔ — Instantaneamente.
- PAPUDINHA — Cachaça.
- PARADA — Situação grave, empreitada perigosa.
- PAREDISTA — Gatuno que oculta o cúmplice com o próprio corpo de modo a facilitar o "serviço".
- PASSO — O passo : dança do carnaval. Passo de urubú malandro, marcha bamboleada.
- PATO — O mesmo que **paca**. "Pato morto", empresa fácil. "O pató só se come frio" significa que a vingança só deve ser exercida muito tempo depois da ofensa, quando o inimigo estiver desprevenido.
- PATOTA — Diligência que a polícia realiza por ter recebido denúncia.
- PATUREBA — Papalvo.
- PATURI — O mesmo que patureba.
- PAU DA VENTA — Cartilagem do nariz, septo.
- PAU FURADO — Fusil, arma longa.
- PAU MANDADO — Homem que age como instrumento de outro.
- PÉ DE BOI — Funcionário diligente sôbre o qual os outros sobrecarregam o serviço.
- PÉ DE CABRA — Alavanca de arrombar que tem a ponta bifurcada.
- PÉ DE DEZ P'R' AS DUAS — Pés abertos para os lados da

- linha mediana do corpo de modo a formarem um ângulo semelhante ao dos ponteiros de um relógio quando marcam 2.50.
- PE DURO — Automovel antiquado, boi crioulo degenerado. Também se diz de quem dança mal.
- PE DE GALINHA — Ruga.
- PE DO OUVIDO — Região situada logo abaixo do pavilhão auricular.
- PE DE PATO — Pé chato.
- PEDRA — Ficar na pedra, arruinar-se.
- PEITICA — Cábula. O mesmo que **pêso**.
- PEITO À BALA — Torax amplo e muito saliente.
- PEITO DO PÉ — Dorso do pé.
- PEITO DE POMBO — Torax pouco desenvolvido, mas saliente.
- PELADO — "Estar pelado", estar sem dinheiro, o mesmo que "na Pindaíba".
- PELE — Cedula.
- PELÉGA — Idem.
- PENDURADO — Apanhado.
- PENDURAR — Apenhar.
- PENEIRAR-SE — Fazer menção de sacar a arma, preparar-se para lutar ou fazer alguma coisa.
- PENETRA — O que entra numa festa sem ser convidado. Tipo que está em toda parte sem ser chamado.
- PENOSA — Perua.
- PENOSO — Ladrão de galinhas.
- PEREQUETÉ — Lampeiro, bem vestido, "almofadinha".
- PERNA DE MULAMBO — Homem de andar incerto, pernas bambas.
- PERNAMBUCANA — Faca de ponta.
- PESCAR — Perceber segredos.
- PÊSO — Falta de sorte. Infortúnio.
- PESSOAL DO LENÇO — Grupo de sicários que vive em tropelias, esbordoando os desafetos de quem os dirige.

- PETELÉCO — O mesmo que "cocorote".
- PICURAÇO — Esperto, vivo.
- PIFÃO — Bebedeira.
- PILANTRA — Vagabundo.
- PILEQUE — O mesmo que pifão.
- PILOTO — Caolho.
- PINCHAR — Jogar sôbre alguém objetos pesados. Jogar, atirar.
- PINCHO — Alfinete de gravata.
- PINDAÍBA — "Estar na Pindaíba" : estar sem dinheiro.
- PINÉU — Pessoa muito baixa. Menino.
- PINGA-AGUA — Arma de fogo defeituosa que costuma falhar.
- PINGANDO FOGO — Diz-se de quem está muito encolerizado. O mesmo que "danado da vida!".
- PINGENTE — O que viaja no estribo do bonde.
- PINGUELA — Ponte rústica.
- PINGUELO — Válvula, campainha.
- PINIQUEIRA — Doméstica encarregada de arrumação.
- PINTA — Fisionomia, sinais característicos, aspéto dos homens e dos animais. "A pinta do olho" : expressão do olhar.
- PINTAR — Indicar. "Este cavalo pinta bem" : êste cavalo tem bons sinais. "Pintar o sete" : desregrar-se, exceder-se.
- PIRAR--SE — Fugir.
- PIRUA — Bonde que só tem o lastro e o motor e serve para rebocar carros de transporte. Mulher de vida airada.
- PIRUADA — Desordem.
- PIRUAR — Cortejar de longe.
- PISAR EM FLORES — Evadir-se.
- PISTOLÃO — Empenho forte, carta de recomendação.
- PITÉU — Guloseima. Moça bonita, graciosa, baixa e de formas arredondadas.
- PITOMBA — O mesmo que "abacaxi". Olho de pitom-

ba lambida" : olhar gazo, sem expressão. "Passeiando que só pitomba em boca de velho" : mulher andeja, passos perdidos.

PITUIM — Mau cheiro característico de certos negros.

PIVETE — Menino que auxilia um grupo de ladrões.

PIXOTE — Gatuno desastrado que não conhece as manhas da má vida. Jogador imperito.

PLANTÃO — Demora numa esquina.

PLANTAR-SE — Permanecer por muito tempo no mesmo lugar.

PONGA — Jogo parecido com o de damas e o da onça. Cada jogador tem duas pedras e deve colocá-las em linha reta para vencer a partida. É muito popular e os desocupados riscam o taboleiro dêsse jôgo nos passeios do Recife e outras cidades do Nordeste e jogam-no.

PONTEIRO — Cúmplice cuja função é indicar furtos.

PORRE — Bebedeira.

PRONTO — Estar pronto : estar sem dinheiro algum.

PUNGA — Furto em hotel ou casino. "Punga da Madrugada" : furto nesses locais alta noite, quando os frequentadores estão embriagados ou sonolentos.

PUNGUISTA — Aquele que pratica a punga.

PUXA ! — Interjeição. O mesmo que "ora bolas !".

— Q —

QUEIMADO — Irrascível.

QUEIMAR — Atirar.

QUEIXADA — Maxilares.

QUEIXO DE TAMANCO — Queixo saliente.

QUILO — Dinheiro.

QUIÓ — Roupa de lã.

QUINADO — Punhal triangular.

QUIZILA — Má sorte. Jetatura.

— R —

RABO DE GALO — Adaga, espada dos soldados de cavalaria.

RANA — Ladrão que opera a bordo.

RASTEIRA — Golpe de capoeira dado com as pernas.

RATO DE HOTEL — Gatunos que agem nos hotéis.

RATOEIRA — Meretriz.

REDE DE ARRASTO — Mulher que acolhe qualquer homem. Pessoa que aceita qualquer negócio.

RETRANCA — Luta áspera e perigosa. Dificuldade séria.

REVESSO — Ladrão que teima com os companheiros de crime.

RISCADO — Diz-se de quem está meio ébrio. "Entender do riscado", conhecer o assunto de que se trata.

RODELAS — "Contar rodelas", bravatas (façanhas imaginárias).

RÓLO — Cilindro usado pelos arrombadores de cofres. Briga, confusão.

RUFINO — Rufião, caften.

RUSTES — Gatunos e ladrões que enganam os companheiros por ocasião da partilha do produto do crime.

RUZAGÁ — Albino, ruivo.

— S —

SABUJO — Soldado de polícia.

SACO FURADO — Pessoa inconfidente, indiscreta.

SAIDA DO CATARRO — Nariz.

SANTEIROS — Gatunos regenerados e também pessoas aparentemente honestas que apontam os furtos.

SANTO DO PAU ÓCO — Hipócrito.

SAPECA — Moça namoradeira, esperta, atilada.

SARADO — Sujeito muito sabido. "Cabra sarado", malandro que sai bem de todas as proezas.

SARARÁ — Albino.

- SARDINHA — Navalha.
- SARGENTO — Galo. Designa também três dedos de aguardente num copo.
- SARRETIM — Pacote simulando dinheiro que os vigaristas preparam com recortes de jornais velhos, chamuscados nas aparas e recobertos com uma cedula, o que dá a ilusão perfeita de um maço de papel-moeda
- SERROTE — Dentes quebrados.
- SINUCA — Apêto, entaladela, emergência.
- SOLA-DO-PÉ — Planta do pé.
- SOLITÁRIO — Anel com um só e grande brilhante.
- SONAMBULISTA — Ladrão que narcotisa as suas vítimas.
- SONANTE — Dinheiro.
- SOTALA — Furto de objetos que estão nos bolsos internos do palitô.
- SOTURNO — Soldado de polícia.
- SOVACO — Beco, tunel.
- SOVELAR — Surrar.
- SUAR — "Suar como tampa de chaleira" : suores abundantes.
- SUJÃO — O que denuncia certo furto.
- SUJO — Diz-se daquele que nada pode fazer contra outro por estar comprometido perante êle.
- SURÚ — Anibal sem rabo.
- SURUBIM — Boi de pelo característico em que o branco se mistura com o preto.
- SURURÚ — Grande sarilho.
- SUTANA — O mesmo que sotala.

— T —

- TÁBOA — "Ficar na táboa" — ficar sem níqueis. "Estar nas táboas de Moysés" tem a mesma significação.
- TACO — Malandro "bamba, hábil.
- TAIOBA — Casaco curto.

- TAIS (os) — Dinheiro.
- TAMPINHA — Pessoa muito baixa. Anão.
- TAN-TAN — Maluco, aluado.
- TAPA OLHO — Tapa sôbre os olhos do adversário.
- TAPIA — Indivíduo que prende a atenção de outros enquanto o "gajo" opera.
- TAPIAR — Enganar.
- TEILOR — Soldado de polícia.
- TELHA — Sujeito desequilibrado. "Fumando numa telha" : danado da vida.
- TER ALGUÉM ATRAVESSADO NA GARGANTA — Odiar a alguém.
- TESO — Sem dinheiro.
- TICO — Pequena quantidade.
- TIGELA — Egua.
- TIRA (fazer uma) — Investigar.
- TIRAR O CORPO — Evadir-se.
- TIRIRICA — Zangado.
- TOCADO — Meio bêbedo.
- TOCO — Peita, bola. "Comer toco" é aproveitar a autoridade ou o receptor do furto ou roubo.
- TOCO DE AMARRAR ONÇA — Homem baixo e corpulento.
- TOCO MACHO — Estelionato por meio de bilhete de loteria.
- TOFADO NO GROSSO — O mesmo que toco de amarrar onça.
- TOFO — Pessoa desageitada.
- TOMAR BANHO — Ocupar-se com outra coisa.
- TOMAR UM BANHO — Fazer um bom negócio.
- TOPAR — Aceitar o que aparece, enfrentar a situação, aceitar o desafio. "Topar a parada", enfrentar uma situação ou empresa arriscada ou desafio.
- TORCEDEIRA — Moça que se apaixona por um clube.
- TORCEDORA — Partidária exaltada.
- TORCIDA — Ação de exaltar-se pelo triunfo de outrem.

- TÓRO — Homem baixo, corpulento e musculoso.
TORRE DO PIOLHO — Cabeça.
TRAGALO — Golpe de "gravata".
TRALHO — Corrente de relógio.
TRANCINHA — Intrigante.
TRINCHA — Qualquer instrumento que auxilie o arrombamento.
TRINCHETE — Chave.
TRIPIZUPE — "Mondé" ou sarilho imprevisto. Causa disforme, anômola.
TROLÓLO — O mesmo que conversa fiada.
TROUXA — Ingênuo. O mesmo que ota, otário, boi, pato, etc.
TUBARÃO — Conquistador.

— U —

- UNHA — Faca de ponta.
UNHA DE FOME — Avarento, o mesmo que cauíra.
UNHA DE GATO — Brigão.
URSO — "Dansar de urso" — fingir.
UVA — "Uma uva", coisa bôa, fácil, agradável.

— V —

- V OITO — Mulher estrábica. Também se diz das senhoras que tem formas muito acentuadas.
VASIO — Hipocôndrio.
VASSOURA EM PÉ — Mulher esquelética.
VENTA — Nariz
VENTA ACESA — Nariz arrebitado.
VENTO FORTE — Dificuldade muito grave. Obstáculo sério.
VENTOLA — Nariz grande.
VIOLÃO — Mulher, analogia oriunda das linhas dos quadris, cintura e peito.

VISAGEM — O mesmo que farol.

— X —

XIS — Xadrez. "Sem um xis", sem dinheiro algum.

XAFURDO — Algazarra. Rixa.

XEIXO — Calote.

XEREM — Fubá de milho.

— Z —

ZAMBETA — Pernas em arco.

ZAROLHO, a — Caolho.

ZINHO, a — Um ou uma qualquer, indeterminados.

CÓDIGO INTERNACIONAL DE "SCROCS"

Declarações de "Petrozine" (sr. Oscar Pinagé) descobridor dêste código internacional, a respeito do "punguista" Alberto Pinto que foi quem lhe deu uma cópia do "Dicionário": ("A Gazeta de Notícias" de 28 de Junho de 1929).

"Forçar o retrato psicológico de Alberto Pinto — gatuno elegante — "az" da "punga" sinto não o poder fazer com bôa ética definindo-o nos seus mínimos detalhes. Porém como resultado de uma prolongada palestra e de convivência a bordo darei em resumo como único traço do que trago na retentiva como lembrança —

COMO ME FIZ "XORRO"

A uma pergunta minha Alberto respondeu:

"Foi no ano de 1919 nas Docas de Santos que travei conhecimento com o argentino Juan Morales, recém-chegado da Europa, tipo "gentleman", elegantemente trajado. No curso dessa camaradagem observei que o argentino passava nababescamente, gastando a larga.

Por aquela época achava-me desempregado procu-

rando colocação. Mal de condições, aceitei a proteção daquele senhor, o qual, dias depois me disse, sem cerimônia, o que êle era: ladrão "punguista".

Em conclusão: o argentino exercera larga influência na formação do meu espírito; exercitára-me no manêjo dos dedos afim de saber "bater" uma carteira e "sacar" um relógio.

Depois dêsses "treinos", me tornei "xôrrô" — larápio, "scroc" de notáveis feitos.

LEVANDO VIDA DE PRINCIPE

A seguir — continúa Alberto Pinto — começámos a viajar os dois. Trabalhamos juntos por muito tempo. Quando se tem sorte "leva-se vida de príncipe", pouco importando alguns revezes.

Tenho já viajado nos transatlânticos pelo estrangeiro; tenho me divertido bastante e gosado pelos "clubs", pelos "cabarets" e nas pensões chics onde espuma o champagne e o prazer custa grossas "pêllegas"...

"Agora me remetem para Lisbôa..."

"Vou gosar e visitar alguns parentes. Levo 30 contos de réis e deixo no Rio — é bom acentuar que "Petrozine" é investigador da Polícia Marítima de Recife — estabelecido com botequim no largo da Lapa — dinheiro meu, produto dos meus "trabalhos"..."

"GANHANDO" 96:442\$000

"No Rio, escute — fala ainda Alberto — em dois meses, "trabalhando" com o Barbosinha "fizemos" dezoito carteiras, acusando um total de 96:442\$000! Parece fantástico, mas é verdade!" — assim falou Alberto Pinto ao investigador Oscar Pinagé.

Alberto Pinto foi expulso do território nacional por processo regular da nossa polícia e portaria respectiva do

Ministério da Justiça, e embarcado no "Almirante Jaceguay", que chegou a Recife em 4 de Abril do ano próximo passado.

COMO PETROZINE CONSEGUIU O "DIALETO" DOS LADRÕES INTERNACIONAIS

Tendo "Petrozine" sido incumbido de custodiar Alberto quando da permanência do "Almirante Jaceguay" no pôrto de Recife conseguiu captar-lhe a confiança e dêle obter, a título de usá-lo exclusivamente para si, o "Dialeto" foi entregue a "Petrozine" uma lauda de papel datilografada e o investigador copiou-o em almasso.

COMO FOI FEITO O "DIALETO"

Alberto assim explicou como foi feito o "Dialeto" que consta de 423 palavras :

Na Espanha, pela primavera de 1926, em Lerida, no Hotel Palace, encontravam-se vários ladrões, a maioria veraneando. São êles : Candido Blanco, Gonzalez e Garrido — espanhóis, dois "vigaristas" e um "punguista"; Nicola Patrocca e Crocci Lombardo, italianos, arrombadores; José Garcia e Manoel Alvarenga, portugueses "vigaristas"; Valdez, chileno, "punguista", e Joseph Weiller, francês, famoso contrabandista.

Assim reunidos à moda de Congresso, elaboraram o moderno dialeto, ou seja, o original dicionário do ladrão "scroc".

É intuitiva e manifesta a grandiosa inteligência dos nove larápios internacionais. Muito há a admirar no espírito pesquisador e inventivo dos gatunos, visto intencionalmente e com apurado raciocínio terem idealizado uma miscelânea de palavras procedentes de idiomas diversos, termos quasi estrambólicos, porém com expressiva classificação de uma infinidade de coisas em concordância com tudo

quanto possa ter inherência no "ofício", afóra coisas outras de interêsse privativo do larápio.

Vê-se pois que os gatunos contemporâneos tipos finos, viajados pelos maiores centros da Europa e das Américas trajando pelo último figurino, acompanham "paripassu" o progresso.

Praticam sistematicamente o roubo e o furto com indústria como se fosse uma profissão regular.

Em seguida, "Petrozine" transcreve em ordem alfabética os termos da gíria dos ladrões internacionais.

É um trabalho útil à polícia e interessante.

Recebemos dêle um exemplar, gentileza que muito agradecemos.

— A —

AFFANO — Furto, roubo.

ALDOVAN — Papel para correspondência.

AZARUGO — Prêso sentenciado.

AFFANAR O MUDO — Furtar aos ébrios e aos que dormem ao relento.

ACEDOMA — Casa de "rendez-vous".

ALCAGÓETE — Pessoa que procura a autoridade para apontar larápios.

AGO — Chapéu de sol.

ADAZOMP — Pulseira.

ANEIFFAT — Medalha.

AMBLUSTT — Companhia de navegação.

ALLAVINNO SOLITÁRIO — Anel.

ACHAGCADOR — Larápio vigarista.

ACHACCO — Operação do conto do vigário.

ACCICAPP — Narcótico.

ACHYRENÁ VITRINA — Montra.

AUBILLOM — Teatro.

ALTRUVO — Mercado.

ALTRUVAL — Exposição, feira.

- ASTIRSLANE — Autoridades sagazes que não se deixam embulhar.
AJURABLE — Ilha que serve de presídio, degrêdo.
AUSTAGG — Igreja.
ANDINO — Ronda a cavalo.
ANÍGULO — Navalha.
ABOGULINA — Mulher que furta, ladra.
AMBLIHÓ — Betume, massa para tirar moldes.
AHUNTABLE — Guarnição de mesa, louça.
ABEXVELAN — Andar térreo.
ATHLEVAN — Sobrado.
AMAYGUDHA — Poltrona elétrica, guilhotina, forca.

— B —

- BINEGUTH — Buraco.
BAITOGIANA — Fabricação de dinheiro falso.
BIVAKAFFO — Prédio a alugar, deshabitado.
BURETRONDE — Broca mecânica.
BONAKADE — Dinamite.
BURBOLON — Cofre forte.
BAMPERI — Banquete.
BADOVICAR — "Trabalho" descoberto, pilhado em flagrante.
BALUZAN — Escada de corda.
BOURKANE — Instalação, encanamento e seus pertences. Gaz, água e eletricidade.
BIDALUCCO — Código, lei.
BACLUCCO — Avaliador.
BOGOLUME — Pessoal marítimo.
BOVOCA — Serrote, serra.
BLUC-BLUK — Companhia de circo.
BRIXPENHEAD — Linha rodoviária internacional.
BAZURÉLA — Criadagem composta de mulheres.
BASSIND — "Croquis", mapa.
BYRABUCLIO — Polícia do câis do pôrto das docas.

- BLADWURN — Sobretudo, capote, capa.
 BAUPIFFULE — "Ponto de parada" de ônibus, bondes, comboios e automóveis.
 BUDLÔ — Cola, goma.
 BULIM — Moradia de larápio.
 BILLOLOWE — Consulado.
 BISPIANE — Pessoal de batina.
 BYVRUDE — Barrete, broche.
 BLUADAGE — "Atelier" de "madame".
 BAYZARRONE — Contrabandista.
 BOWSKLAUDE — Fonograma.
 BYNEBULOW — Radiograma.
 BADERY — Solo, rez do chão.
 BALDSTAM — Sub-solo.
 BAVUSTRACCO — Criadagem composta de homens.
 BOYBSPUGGO — Telegrama.
 BALUZE — Escada comum.
 BIKAFFO — Prédio fechado com moradores ausentes.
 BRISBO — Cão, cachorro.
 BAITOGRUNO — Falsário.
 BAYHUTO — Chapéu de cabeça.
 BAXLANGLO — Larápios organizados coletivamente para alguma "operação".
 BOWPLAFF — Cônsul.
 BACCANO — Pessoa bem trajada, com dinheiro.
 BHYCLAN — Camarote, cabine.

— C —

- CHRAVULAN — Mala de camarote.
 CHIXA — Vela de cêra.
 CICIQUE — Caneta, lapis, giz.
 CYLLAZACO — Casemira.
 CYLLODER — Sêda.
 CHAMPCATTO — Casa de câmbio.
 CHYBRUNCO — Casa de penhor.

- CAFFBIK — Manequim.
- CISSETH — Certos líquidos para o preparo de dinheiro falso.
- CHRULPUBA — Aves, criação.
- CHAXIFFRONE — Bilheteria.
- CHUCCA — Bolso externo do casaco.
- COHIBANNO — Comerciante.
- COHEBINNO — Funcionário público.
- CARBVUNO — Coradouro.
- CYLLAZACO — Casemira.
- CRASPAME — Barbearia.
- CHUVANE — Chave de mala.
- CHAPVUM — Esconderijo em paredes, fôrro, tecto e soalho.
- CYPPRAVUSCO — Metal ordinário.
- CHUVA — Chave comum.
- CHUVIM — Chave de cofre.
- CHEIUTA — Secretária, carteira.
- CHERRIGNON — "Guitarra", aparelho portátil com engrenagem em feitiço de máquina, dando a ilusão do fabrico de dinheiro em notas — invento do ladrão italiano, vigarista Mazon, serralheiro mecânico.
- CHAXIFF — "Guichet".
- CHUVIZ — "Celuloide".
- CIQUADUM — Trena, escala, medida.
- CAPPHIVO — Fenda, interstício, abertura, rasgão.
- CAVUCUCO — Esconderijo do criminoso fóra do país.
- CHUBSGANO — Vigilante noturno.
- CAVUCO — Esconderijo do criminoso dentro do país.
- CAPZUZO — Alçapão.
- CAVIROPE — Guarda civil.
- CAMPANA — Seguir a outrem em observância de alguma coisa.
- CHROGIL — Criança.
- CATTREFUÁ — Refeição, comida.
- CIAGESTT — Tunel.

- CHRAVULA — Mala comum.
 CLOPIAPP — Lancha, pequena embarcação a vapor.
 COHECHINO — Industrial.
 COHECHANO — Capitalista, milionário.
 CHENORIFF — Cofre de joias.
 CHAREZ-Z — Companhia de seguros.
 COBIAPANE — **Militar, oficiais.**
 CHANOBUTH — Alvarenga, batelão e similares.
 CIUDAYE — "Stadium" de "box" e outros jogos.
 CATTERUZZO — Caixeiro viajante.
 CUBUVÉCK — Agiota.
 CLAMPUXIP — Brilhante.
 CYBUVESCO — Prata.
 CHAFFRE — Soldado.
 CHYLIVUSCO — Platina.
 CHERZUFFUCCO — Lanterna furta-côr.
 CHALPÉTE — Bilhete viciado, "operação" do conto do vigário. (Tôco-môcho).
 CHYVUSCO — Ouro.

— D —

- DUDANA — Vestuário de mulher.
 DANTORY — Despertador.
 DYTTEWARD — Intercâmbio privativo dos larápios.
 DAYTTRUBE — Espetáculo.
 DUANA — Vestuário de homem.
 DUANTORY — Relógio de parede.
 DUZUBLIM — Campainha elétrica.
 DHAFFASCO — Caixa de teatro.
 DAITOTA — Diligência policial, grupo de autoridades.
 DELONY — Estôjo.
 DRAYHUTT — Casa de grande comércio.
 DRAITOLA — Casa de pequeno comércio.
 DELA-VILIOTA — Mulher atriz, artista.
 DULVINÉZ — Escritório.

- DUTAMBLO — Sino.
DILETOIT — Esgôto, vala, bôca de lobo.
DOCTYLON — Ferramentas apropriadas para o roubo.
DHIRUTT — Camarim de artista.
DRUNSWIPP — Gaginete.
DÉLA BAZUNGA — Mulher velhaca, "caftina".
DULCIATTO — Consultório.
DAUTYRENO — Mágica, hipnotismo.
DH' ARAK — Mudar de conversação.
DH' ACUM — Ficar calado.
DINAK — Desenho, molde.
DRECK-KI-PLIM — Jogos olímpicos.
DADYPTOIL — Galeria de esgôtos.
DOCK-BULL — Banco, casa bancária.
DELA-GRANE — Mulher aventureira.
DOBUVUCA — Gente suspeita.
DOBUVOBA — Gente de confiança.

— E —

- ESPIBÊTTO — Encerado, cobertura, agasalho de mercaderia — em terra e mar.
EMIGAPLE — Gazua.
ECOGÜPO — Pé de cabra.
ESTRAMBUÇO — Chaminé, boeiro.
ESCRUNCHANTE — Larápio arrombador.
EGLOVENO — Associação secreta.
ESPIANTE — Desaparecimento, fuga.
ETTRUBÉCK — Técnico.
ESKINAXO — Ocultar o rosto, procurar de pronto se esconder, safar-se.
ESCRUNCHO — Arrombamento.
EBISTARRO — Prêso incomunicável.
ESTARRADO — Prêso.
ESTARRO — Casa de correção, detenção.

ESTRILO — Vítima que dá pelo lôgrô, alarma e vai queixar-se à polícia.

EXCRAXEX — Retrato na polícia.

EFFCLOUIR — "Garçon" a bordo.

— F —

FILESCÔL — Poste, caibro.

FRAZOPOLY — Intérprete.

FARUSCA — Lente de aumento.

FULBCATTO — Fundo falso.

FIFFERUNGA — Cartomante.

FUTUSBACCO — Embriaguez.

FUTTUSBIL — "Whisck", "cocktail", bebida.

FARUSCULO — Binóculo.

FRUNSGA — Objetos de valor, pedras preciosas, ouro de lei.

FRAGG — Prisão em flagrante.

FILA — Comparsa do vigarista — quem primeiro aborda o "trouxa".

FAGHANSKIPP — Guarda da alfandega.

FURPHAM — Perfumaria, extrato.

"FRABLO DEL BLUCCO" — Ficar em observação, estar alerta.

FULVYTILO — Ônibus.

FUVYBO — Bonde.

FULLYFORB — Automóvel.

FUMCLOUIR — "Garçon" terrestre.

— G —

DINHEIRO EM NOTAS; CLASSIFICAÇÃO DO VALOR
DO VALOR TENDO POR BASE O DOLAR

GÁRUZÍ — Cédula de 1 a 10 dolares.

GADIVA — Cédula de 11 a 50 dolares.

- GAMBA — Cédula de 51 a 100 dolares.
GABVAM — Cédula de 101 a 200 dolares.
GUKA — Cédula de 201 a 500 dolares.
GLUCK — Cédula de 501 a 1.000 dolares.
GLOPICHU — Quilômetro.
GLEBIZ — Tesoura.
GLEZION — Compasso.
GLAXUBE — Tonelagem — uma tonelada.
GRILUM — Bolso da calça.
GUITA — Dinheiro.
GIXAFFULAR — Sondar, observar o lugar onde se tem que exercer algum "trabalho".
GRÉGOTINS — Notícias pela imprensa.
GRÉGOTINO — Manuscrito, letra de mão.
GLANXUB — Embarque por via marítima.
GAVOULIN — Alicata.
GLOVARÉL — Milha.
GLUNDO — Carimbo, sinete.
GAPAROYA — Perola.
GRIMPHO — Gente de côr preta, negro.
GURANÇO — Escopro.
GABIVAM — Lima.
GUNERBY — Talhadeira.
GELURIFE — Pensão em família.
GLABUXIM — Botequim, confeitaria, café e bars.
GUTTETHISPANE — Imprensa, jornal.
GLOUPA — Bordoada, espancamento.
GIPLEXUTT — Embarque por via terrestre.

— H —

- HOSTHUROGG — Ministro.
HENFFIROM — Juiz do crime.
HASLHUPP — Desembargador.
HYLITORIO — Salão de juri, julgamento.

- HODYRUCHE — Gendarmeria, esquadra, delegacia de polícia.
HODXILEUR — Meirinho, oficial de justiça.
HYMOSSTOGG — Corte Suprema.
HOLSPALUM — Embaixador.
HOLYTHERIUM — Tribunal Supremo de Justiça.
HARGIÓPPE — Ministro da Justiça.

— J —

- JURENK — Chefe da polícia.
JABIRVANE — Escrivão.
JATORRETE — Bagagem.
JUBKLIMOO — Reporter.
JABLIVUNO — Cartório.
JUREKTAN — Chefatura de polícia.

— K —

- KICK CRAQUÊ — Comboio do horário.
KOTHYRKO — Campo de tourada.
KARUSTIZZO — Joalheria.
KANOMBLO — Linha sul do país.
KAMONTORY — Relojoaria.
KOOVOPPO — Linha norte do país.
KANORMINO — Ourivesaria.
KASMOP — Ignorância.
KARESTTUZO — Estação ferroviária.
KIKI-FLUFFO — Comboio expresso.
KOSLU-ZAILE — Pensão de mulheres.
KTTALOMO — Jiu-jitsu.

— L —

- LUKMANYTT — Cinema.
LOUPIXA — Carteira de bolso.

- LUNFFRADO — Larápio antigo na profissão.
LHANKISSÉ — "Habeas-corpus".
LEUMLACCO — Estação invernosa.
LINETONA — Bolsa de mulher.
LUVRACHE — Armação de casa de comércio.
LAROSBE — Saco impermeável, sacola.
LUNFFA — Larápio, gatuno, ladrão.
LEUNGLICCO — Estação de verão.
LUKECATTE — Telefonema.
LIZOURIK — Valise.
LHURIBE — "Badine", bengala.
LHOUKANE — Feiticeiro, bruxo.
LVTEBLUVO — Perito.
LHIPIONA — Púa.
LOYBIVO — Maillot.
LOYZINNE — Maleta.
LOUPHUCTO — Albergue noturno e hospedaria que dá dormida avulsa.
LADYOLE — Fiança.
LHIZGREMMO — Veneno.

— M —

- MAYSTHRON — Porta de segurança, de aço, ferro, blindada.
MAKTTINZO — "Cabaret".
MASSKOREIT — Advogado.
MIXORNIA — Objetos sem valor, fantasia.
MAYTUCCA — Tranca, escora, suporte.
MANJURENK — Autoridade dos distritos.
MOCHROGG — Ladrão de crianças.
MINESTRA — A mulher do larápio.
MICHA — Cédula falsa.
MUNIOJANE — Correspondência cifrada.
MICALSON — Quiosque.
MANTRUCCADO — O casaco todo abotoado.
MADSTTRUCK — Sinais convencionais entre larápios.

- MAYBILLO — Larápio ardiloso que procura se insinuar por meio de mentiras.
- MABOLHÉTT — Ferrolho.
- MASSTHVAL — Porta corrediça.
- MANFFRÉCK — Mistificação, "artistagem".
- MUAKHUPP — Moamba.
- MYSKALE — Porta de casa de habitação.
- MYLHARBE — Mascara.
- MYSKALON — Porta de casa de comércio.
- MIVANO — Cadeiado.
- MASGREETT — Oxidrido, agua-forte e outros acidos.
- MYVIRRUB — Identificação criminal.
- MASTANY — Anel.
- MIBIROLA — Pilha elétrica.
- MYVRAMBBS — Tatuagem.
- MABYLON — Portão.
- MADUXIN — Rascunho, traços nas paredes dos cárceres, da prisão.
- MAXULAN — Dinheiro de papel.
- MAXULE — Dinheiro, moeda.
- MATUJAB — Gêso.



DINHEIRO : SUA ORIGEM E ESPÉCIE

- OL-DIRKE — Libra.
- OL-BIRKE — Lira.
- OL-GIRKO — Escudo.
- OL-TIRKO — Marco.
- OL-VIRKO — Peso.
- OL-CIBIK — Peseta.
- OL-SURIK — Franco.
- OBIKON — Dinamite para cortar vidro.
- OPHAGLIN — Trancelim, cordão.
- OCTARIUM — Pessoa inexperiente, "trouxa".

OPHUGLÓCK — Polícia marítima.

OLHIPE — Rodizio de letras em fechaduras de segredo.

OCLABUTTE — Pessoa que negocia com larápios.

— P —

PUPPIO PLAFF — Festa popular.

PIZUCKLÉLE — Ronda em lancha pelo litoral e alto mar
(alfandega e polícia).

PASKANE — Cicerone, intérprete.

PABLITUNA — Senhora casada, mulher.

PULEVATTO — Carro de mão.

PLUSMANY — Chatelaine.

PEGRUCARE — Impressão da planta do pé.

PINCHO — Alfinete de gravata.

PEGRIGO — Impressão dos dedos.

PHRADAYO — Leilão

PHRISPANE — Justiça.

PUNGA — Operação dos punguistas — batedores de carteira.

PIVETTE — Menores que se exercitam no furto e no roubo.

PACCO — Embrulho adrede preparado, simulando conter dinheiro: "operação" dos vigaristas.

PABLITANA — Senhoritas, moças.

PACCAVUM — Esconderijo no sub-solo, terreno.

PAPUGALE — Cárcere, xadrez.

PYKITRAGCO — Escamoteação.

PACKERYZIO — Exame pericial.

PURPWILLS — Sêlo, estampilha.

PHUXINGA — Arma branca.

PHANZITONO — Arma de fogo.

PYLANDRÃO — Vagabundo.

PACCAVACO — Tabaco.

POPLUNINA — Mulher livre, mundana.

PHHYBULON — Cassino, clube de jôgo.

PHALOGRAN — Quilate.

- PULENGO — Carregador.
 PHALCO — Quilograma, 1 quilo.
 PUPILVO — Par de bichas, brincos.
 PHAGUTO — Embrulho portátil.

— R —

- RYCHURAL — Festa religiosa.
 RASKLUPE — Tinta de segredo.
 RADISSFUCCO — Eletricidade.
 RIGGOTUM — Pessoa que dá homisio, que esconde ladrões.
 RATIK — Casquete, gorro.
 RASKUVE — Tinta de escrever.
 RHOUBILO — Processo.
 RHOCLINNE — Colar.
 RHOVIZANTA — Capital, cidade.
 RHEFFVLACK — Interior, zona colonial.
 RHETTARCK — Zona suburbana, arrabalde.
 RUNSBLE — Agência de comércio.
 RANDOGUÉ — Veículo de tração animal.
 RETRONGÊ — Bolso do revólver.
 REDIROUZE — Bolso de segredo, abertura na roupa para esconder alguma coisa.
 RONGUÉZ — Formão.
 RITITANTE — Apito.
 ROUPIBACK — Condução, transporte.
 RUVUSCK — Calçado com solado de borracha.
 RAŽITAKA — Algemas.

— S —

- SOZARK — Farol, lampeão.
 SACROSMON — Hotel de luxo, grande restaurante.
 SOCRORAZZO — Hotel de inferior categoria.
 SUANCHO — Vigia da noite.

- SUTHERMO — Enterro.
STEECHIPP — Aeroplano e similares.
STILANZO — Luva.
SCHEPIANO — Navio cargueiro.
SCELORIANO — Navio paquete.
SURTALA — Bolso interno do casaco.
SARUBOK — Balcão.
STYFFIRSTT — Anarquista, carbonário.
STTROTHVUM — Investigação.
SHABICODY — Claraboia.
SHUROGALL — Aparelho de rádio, receptores.
SORBOK — Gravata.
SAFFARUCK — Estrada de rodagem.

— T —

- TATHERBANO — Correio terrestre.
THERSKHIZO — Autoridades que entram em acôrdo.
TAYVAM — Grama.
THYRDAM — Metragem, 1 metro.
TRAPPIRABLE — Mobiliário.
TORYZAGO — Cafftismos.
TRIMONPPI — Noite.
TRUBBADD — Madrugada.
TACK-BYLL — Estrangeiro.
TARZOMB — Apache.
TAHYTAN — Praia de banhos.
TUZULCUTO — Cavalo.
TRIMÓPPE — Dia.
TAVIOTTA — Embarcação pequena, canôa, bote.
TROQUERFFOCE — Instrumento de arrancar pregos sem vestígios.
TANTTANS — Utensílios de cozinha.
THERBUFFLO — Transatlântico.
TRUQUÉTT — Argola com chaves.
TOCHROMBUZZE — Larápio que se dá a conquista de

- mulheres para melhor furtá-las.
 THYVULPH — "Travesti", larápio que se disfarça em mulher.
 TUNSTALA — Amostras.
 TANROBY — Correio marítimo.
 THERBVISPP — Caixa registradora.
 THEXIX — Balança.
 TOYSPITROCK — Passaporte.
 TRUNSGRĀM — Mostruário.
 TABILMANE — Chanceler.
 THURBVULO — Hipódromo, corridas.
 THEPRIVUZZ — Documentos que representam valores.
 THUVERATE — Falsificação de firma em documentos.
 TADTACHATT — Ponto de embarque e desembarque.
 TOCUPILA — Sacaria, serrapilheira.

— V —

- VIVAKLE — Agente de segurança.
 VATRAQUÉVO — Natação, regata.
 VOTRUVUCCO — Campo de futebol.
 VANCETAYD — Ambulância, assistência pública.
 VIPACKER — Detetive.
 VESCAUXT — Armazem, comércio.
 VABERGOOD — Maçarico para atacar cofres.
 VADZOGG — Ópio.
 VOFFLAGEM — Busca, apreensão.
 VIBADON — Trado.
 VENTANA — Veneziana, janela.
 VISGULAR — Sonegar, esconder.
 VOLTRAB — Brasil.
 VITRABOCKLÉVO — Fuga, evasão de prêso.
 VADOCHUM — Troca de nome.
 VAZEUCKA — Cocaína e outros entorpecentes.
 VOBBEDUMO — Carro, condução de prêso.
 VICADUNO — "Bureau".

VOBOZOSTUM — Lugar ermo, terreno baldio, para onde se levam os "trouxas", para certos "trabalhos".

VELUNSK — Gancho.

VISTALOW — Praça, jardim, logradouro público.

VIBÉKO — Litro.

— X —

XORRO — Larápio "scroc" : empreende altas operações, cujas praticabilidades são notáveis.

XARNADO — Morte, falecimento.

XERNUZZE — Doença.

XIRANNE — Medicamento.

XANOBANE — Médico.

XIMIRANGO — Hospital.

— Z —

ZARONNE — Contrabando.

ZATTULIN — Relógio de pulso.

ZARUGRÉL — Kodak, máquina fotográfica.

ZAIGULO — Continente sul-americano.

ZOSBRAGGO — Continente norte-americano.

ZABKIL — Carnaval.

ZALTUZON — Chauffeur.

ZORAGE — Contratempo, eventualidade.

ZATTULO — Relógio de algibeira.

ZUDKARY — Dancing, dança.

ZOBUPUPE — Escanfrandista.

ZADANZO — Obstáculos, dificuldade.

CAPITULO IX

CONCEITO DO CRIME SEGUNDO OS CRIMINOSOS. PRECONCEITOS POPULARES. LADRÕES DE CAVALO.

Quem visitar as nossas penitenciárias e interrogar certos detentos a respeito dos motivos da sua condenação, ao ouvir que não são criminosos, concluirá necessariamente que ou êles arditosamente se fazem inocentes ou realmente o são.

A verdade é que, com aquela resposta, êles afirmam, somente, na sua pitoresca linguagem, que não são homicidas. Inquiridos mais precisamente, confessarão furtos, rapinas e até latrocínios, "**assaques**", como denominam os assaltos a mão armada nas fazendas e estradas do sertão.

O equívoco provém do bizarro conceito que os nossos delinquentes têm do crime. Para êles, criminosos são apenas os homicidas. Os culpados de quaisquer outras infrações penais, inclusive lesões corporais de natureza grave, na sua terminologia, não são criminosos.

Há também preconceitos generalizados entre a nossa população quanto a certas espécies de criminosos. Para o

homicida e, em geral, para os responsáveis por crimes contra a pessoa, há compreensão e tolerância. E a menos que se trata de vingança de sangue e de honra, o culpado é zom com acentuado sotaque português e plural estropiado, o homicida é tido por herói sinistro, herói, todavia. Se se trata de um crime traiçoeiro, "**às treição**", como êles dilogo cercado de glória e respeito. Teria, apenas, exercido um direito que os costumes homologam.

Esse acolhimento é, porém, substituído por acentuada repugnância contra os gatunos e ladrões, sobretudo contra os ladrões de cavalo. A cólera popular explode furiosamente contra êstes últimos e excede-se em atos de violência e crueldade. Espancamentos e torturas que, às vezes, causam a morte, eis o destino que espera os ladrões de cavalo, quando apanhados em flagrante.

Não vai longe o tempo em que as próprias autoridades policiais favoreciam e até participavam dessas reações ferozes. Muitos ladrões de cavalo foram pendurados a árvores, de cabeça para baixo, horas a fio, depois de barbaramente espancados. Na cidade de Bom Jardim, ao tempo do govêrno Barbosa Lima, vários ladrões de cavalo foram ferrados no rosto com a marca L, do que resultou grande escândalo que os jornais da época vergastaram. Outras torturas, que não vale a pena referirmos, sofriam os ladrões de cavalo, nas quais se requintavam a perversidade dos seus algozes e os ardís com que disfarçavam as lesões sofridas pelas vítimas.

Porque tamanha aversão? Porque o cavalo, ao tempo em que não havia automóveis e ainda hoje nos lugares onde não existem estradas carroçáveis, além da sua utilidade, é companheiro leal e dedicado do seu dono. Testemunha contínua das suas canceiras, sofrendo com êle fome e sede nas estradas ardentes e poeirentas do sertão; acostumado a obedecer docilmente aos seus caprichos, ágil e inteligente, o cavalo pressente o perigo, avverte o dono das tocáias, farejando inimigos na catanga e participa ani-

mosamente do combate, ou dispara pondo a salvo o cavaleiro. **Relógio**, o inseparável cavalo de Manoel das Redes, célebre ladrão de cavalo em Pernambuco, farejava a polícia e, com a sua inquietação, advertia o dono de que os soldados vinham ao seu encalce. Certa vez, em um **rancho** de Paudalho, **Relógio** tanto escouceu que Manoel das Redes resolveu retirar-se, posto que nada houvesse. Pouco depois, o rancho foi cercado, de surpresa, pela polícia. Ao seu dedicado animal, deveu Manoel das Redes a liberdade em toda a sua carreira criminal. Foi prêso na Encruzilhada, bairro do Recife, casualmente, numa **canôa** de polícia, durante um conflito a que, aliás, era estranho, porque, na ocasião, estava separado do seu fiel animal.

Por tudo isso, ao seu preço em moeda, alia o cavalo valor estimativo e é objeto de dedicação extrema. O almoceve morre esmagado pelos trens e automóveis, mas salva o seu cavalo. É também comum que homens pobres recusem quantias exorbitantes contanto que conservem os animais de sua predileção. Os versos de Catulo Cearense — **"bate na estrela da testa que nem o vento te pega"** — exprimem, à maravilha, a afeição que o nosso sertanejo dedica ao seu cavalo.

Houve, por aquí, muitos ladrões célebres pelas artimanhas que empregavam no furto de animais. Grupos especializados em arrombamentos, **ponteiros** (os que indicavam os animais a roubar), **tropeiros (cavalerianos)** que conduziam a lugares distantes o produto desses crimes, disfarçando sob mil formas os animais roubados; receptadores localizados à distância; todos esses constituíam quadrilhas através de cuja perfeita organização os criminosos gozavam e ainda hoje gozam impunemente do fruto das suas rapinas. Entre os mais afamados ladrões de cavalo podemos referir Manoel das Redes, Manoel Canguengo, João de Arruda e Manoel do Monte.

Casos houve em que não era o lucro o móvel do rou-

bo, pois os ladrões agiam como verdadeiros colecionadores, apaixonados por espécimens raros.

Certos lugares ainda hoje são tristemente afamados pela frequência dos roubos de cavalos. A propósito há vasto anedotário. Conta-se que, em um desses municípios, o cinema local exibiu um filme de **cow-boy**, no qual Tom Mix montava o seu lindo cavalo branco. Aconteceu, porém, que, da segunda parte em diante, o herói teve de continuar as cenas a pé, pois alguém lhe roubara o animal. . . Em outro município de má fama, nas procissões de S. Jorge, o santo apeia-se, por precaução, logo que entra na cidade.

A venda e, sobretudo, a troca de cavalos, negócio muito frequente e lucrativo entre nós, é causa de inúmeros estelionatos que escapam à repressão por inadvertência dos prejudicados e das próprias autoridades. Generalizada incompreensão dos fatos confunde os ardís, em que alguns espertalhões são férteis, com o ilícito civil e tantos casos, tipicamente criminais, estelionatos perfeitamente caracterizados, ficam na vala comum do vício redibitório, ao passo que deviam ser remetidos para o fôro criminal.

Ora, a ação civil é tarda, cara e, pelo seu resultado aleatório, não convém aos prejudicados. Os trapaceiros não têm patrimônio estável nem domicílio certo. São nômades, que se transportam de cidade em cidade, de feira em feira, sem pouso nem raízes em parte alguma. O capital que possuem está em dinheiro na algibeira ou nos animais que facilmente removem ou escondem. A única providência que realmente os alcança é a pena.

Na verdade, os ardís que muitos negociantes usam na troca de cavalos constituem estelionatos. Assim, por exemplo, um deles ensinou pacientemente um cavalo cego, mas de ótima aparência e bôa marcha, a fazer o trajeto de um quilômetro para cada lado do lugar onde estacionava, findo o qual recebia suculenta ração.

Adestrado o animal, passou por alí alguém que dêle

se apaixonou e resolveu adquirí-lo. Experimentou-o e o cavalo portou-se bem no percurso a que se habituara.

O comprador, não obstante as aparências, perguntou prudentemente se o cavalo tinha manhas encobertas, respondendo o outro, evasivamente, que se o animal tinha defeitos, êstes estavam **na vista** (fórmula popular de à vista.)

Assim enganado pelas aparências, o coitado comprou o cavalo e seguiu viagem, verificando, logo que terminou o itinerário costumeiro, que êle era cego. Tentou desfazer o negócio, mas o vendedor a isso se excusou, alegando que bem o prevenira de que o defeito do animal estava na vista.

Estas e outras burlas semelhantes configuram, sem dúvida possível, o estelionato previsto no art. 171 do Código Penal vigente, como já o era no anterior, art. 336 § 5.º.

Mas, infelizmente, um êrro de direito muito comum considera impuníveis estas trapaças e os criminosos continuam logrando, impunemente, quantos lhe ouvem as lábias e cáem nos seus engenhosos ardís, muitos dos quais excedem, em sutileza, o caso universalmente conhecido de "**quem não te conheça que te compre**", provérbio que se originou de um furto de cavalo.

O peor é que os criminosos se jatam das suas fraudes e angariam com elas fama de hábeis mercadores.

CAPITULO X

INJÚRIA, RIXA E PORTE DE ARMAS

A injúria, a rixa e o porte de armas, tão comuns entre nós, são causas frequentes de homicídios e lesões corporais. E como, em regra, a um homicídio se segue a vingança do sangue, incidentes banais nas suas origens produzem, às vezes, efeitos catastróficos.

A hecatombe de Garanhuns, ocorrida em 1918 e na qual houve 12 assassinatos, além de inúmeros ferimentos, resultou de uma rixa sem importância entre Sales Vila Nova e pessoas influentes da localidade. Espancado, Sales Vila Nova vingou-se, matando, no Recife, na Praça da Independência, em frente ao café Puerta del Sol, o dr. Julio Brasileiro.

Homem de projeção e influência em Garanhuns, o assassinato do dr. Julio Brasileiro teve profunda repercussão entre a sua numerosa família, amigos políticos e lavradores das suas extensas fazendas. Reuniram-se todos, marcharam de Brejão para Garanhuns e mataram, um a um, os amigos de Sales Vila Nova, numa verdadeira batalha de sítio contra a cadeia local, onde as autoridades ha-

viam reunido quantos a vingança de sangue ameaçava, no intuito de melhor garanti-los e contando com reforços que tinham seguido da Capital, mas chegaram atrasados.

Cenas de inominável crueldade, tais como a do canageiro **Pai d'Egua** que, depois de cortar a carótida de alguns dos sitiados, lambeu a lâmina da navalha e proclamou que o sangue das suas vítimas era doce; lances de tamanha perversidade mesclaram-se a atos de selvagem cavalaria e autêntico heroísmo.

O cabo Cobrinha, comandante da guarda, manteve, sosinho, a cadeia contra 500 assaltantes, armados de rifles, quando já estavam mortos todos os soldados da sua patrulha menos um tuberculoso, que, de fraco, atirava deitado sôbre um banco.

Rareando o fôgo dos defensores, que, ao fim do cerrado tiroteio, se limitava a dois únicos atiradores, os sitiados arrombaram as grades das janelas trazeiras do edifício e por ali se precipitaram em enxame.

O chefe do grupo, Vicentão, homem agigantado e valente, maravilhado da bravura de Cobrinha e respeitando as regras de honra dos nossos homens de luta, intimou-o a render-se:

— Cabo, você é um homem. Nós não queremos matá-lo. Entregue os presos.

Por única resposta, o cabo, fiel ao dever e heróico até o último momento, derrubou Vicentão com um certo tiro na testa. Crivaram-no, então, os outros assaltantes, de projéteis e facadas; mas, o moribundo, nos estertores da morte, ainda apertava o gatilho da arma!

Com igual bravura se portou o outro soldado, que, do seu incômodo e improvisado leito de doente, secundava a defesa de Cobrinha, atirando sem parar. Descobriram-no. Recebeu 17 ferimentos de bala e arma branca. Exangue, deram-no por morto; mas escapou dos ferimentos.

Só depois de praticamente assassinado o último defensor da cadeia, puderam os assaltantes cevar a sua vi-

gança nos 7 homens alí refugiados, os quais foram todos cruelmente sangrados, um a um.

O macabro episódio foi de tais proporções que a conhecida metáfora — um rio de sangue — alí se tornou real, pois um veio sanguíneo correu até a rua!

Como êsse, muitos outros conflitos resultam da mesma causa.

O porte de armas, aliado à extrema sensibilidade e ao brio da nossa gente, é também causa de inúmeros homicídios de ímpeto. Um choque qualquer entre homens, uma palavra ofensiva, um gesto impulsivo e eis que o duelo de morte se trava alí mesmo, na rua, nos trens, nos bondes, nas estradas, seja onde for.

O desarmamento, substitutivo penal que o Ferri recomendaria se a visita que nos fez lhe tivesse permitido o melhor conhecimento dos nossos costumes, é, pois, nas capitais, a providência decisiva contra a curva do homicídio, apavorante no Brasil.

No interior, isso não é, infelizmente, possível. Estradas desertas e moradias isoladas exigem armas para a defesa pessoal e o trabalho de campo e transporte.

A faca de ponta, que pouco a pouco vai sendo substituída pela **peixeira**, é um hábito inveterado do nosso povo, que o ambiente até certo ponto justifica.

Diz-se do pernambucano, por êsse costume, que é faquista e com isto se deprecia a nossa gente. Os nossos costumes, neste ponto, são, de fato, reprováveis; não temos, porém, de que envergonhar-nos em cotêjo com outros povos, pois o andaluz e o siciliano não dispensam a arma branca e lá as circunstâncias são bem diversas das nossas: Lempovoamento compacto e policiamento em toda parte. Lempovoamento os anais do crime em outros povos é que nos convencemos de que os nossos criminosos são, em geral, levados por motivos humanos. Vejam-se, a propósito, "**Les Grands Proccès**" de Geo London, relativos aos principais crimes ocorridos na França de 1927 a 1938.

A índole do brasileiro é, na verdade, excelente. Os nossos próprios defeitos se reportam às nossas melhores qualidades naturais de cavalheirismo, bravura e reação psicológica imediata, posto que mal compreendidas e aplicadas. A "Cavalaria Rusticana" é um drama banal no Nordeste e as circunstâncias explicam e atenuam os desvios em que o povo estraga seus nobres predicados, à falta de educação e de ideais. Haja, porém, motivos elevados e essa energia, hoje criminoso, retificará os seus rumos, dirigindo-se a fins nobilitantes.

Salvo raras e monstruosas exceções, que as temos, sem dúvida, o brasileiro, principalmente o nordestino, pauta a sua conduta por uma "**non scripta sed nata lex**", que, frequentemente selvagem, se aproxima, todavia, dos códigos de honra dos antigos cavaleiros.